

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

CINTHIA ANDRÉA TEIXEIRA DOS SANTOS

**O MIRANTE VÊ ALÉM DO DIA: CIDADE E MEMÓRIA EM “OS CANHÕES DO
SILÊNCIO,” DE JOSÉ CHAGAS**

SÃO LUÍS – MA

2024

CINTHIA ANDRÉA TEIXEIRA DOS SANTOS

**O MIRANTE VÊ ALÉM DO DIA: CIDADE E MEMÓRIA EM “OS CANHÕES DO
SILÊNCIO”, DE JOSÉ CHAGAS**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras da
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como pré-
requisito para obtenção do título de Mestre em Letras

Orientadora: Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos

SÃO LUÍS – MA

2024

Santos, Cinthia Andréa Teixeira dos.

O Mirante vê além do dia: cidade e memória em “Os Canhões do Silêncio” de José Chagas . / Cinthia Andréa Teixeira dos Santos . – São Luís (MA), 2024.

90p.

Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos.


CINTHIA ANDRÉA TEIXEIRA DOS SANTOS

**O MIRANTE VÊ ALÉM DO DIA: CIDADE E MEMÓRIA EM “OS CANHÕES
DO SILÊNCIO” DE JOSÉ CHAGAS**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras da
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como
pré-requisito para obtenção do título de Mestre em
Letras


Aprovada em: 03/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **SILVANA MARIA PANTOJA DOS SANTOS**
Data: 06/08/2024 20:50:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos
Orientadora

Dr^a Joseane Maia Santos Silva
Examinador 1

Documento assinado digitalmente
 **JOSENILDO CAMPOS BRUSSIO**
Data: 11/06/2024 09:27:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Josenildo Campos Brússio
Examinador 2

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por estar sempre ouvindo meus chamados e iluminando sempre meu caminho durante minha jornada da vida. Ele, sim, sabe o quanto batalhei para chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais, Vanda Maria Aguiar Teixeira e Domingos Roseno dos Santos, por sempre estarem comigo em todos os momentos em que precisei de tudo que sou a vocês.

Agradeço as minhas irmãs, Dulce Helena e Ana Luiza, por me incentivarem e apoiarem em todas as etapas dessa jornada e da minha vida.

À minha tia querida e amada, Prof.^a Dr.^a Marinalva Aguiar Teixeira Rocha, por sempre acreditar em mim em todas as etapas desse momento, até quando nem eu acreditei, meu muito obrigada, este título dedico a você também.

A professora Dr.^a Joseane Maia a quem tenho imenso apreço, e que sempre se alegra com minhas conquistas, meu muito obrigada de coração.

Ao meu irmão que a UEMA me deu, Weberth dos Santos Pereira, amigo que segurou em minha mão e me apoiou sempre, meu muito obrigada.

A minha querida orientadora, Professora Dr.^a Silvana Pantoja, quem me conduziu, com muita maestria, nesse momento tão importante da minha vida acadêmica, agradeço eternamente.

Aos colegas e professores do Curso de Mestrado em Letras da Instituição que me acolheu desde a graduação, por terem propiciado valiosos momentos e compartilhado saberes, agradeço.

Dedico este trabalho aos meus filhos, Isabella Cristina, João Guilherme, Nayara Cristine e Maria Luísa (neta), vocês são o motivo da busca incessante ao conhecimento. Conseguimos, o título chegou.

RESUMO

A memória desempenha um papel fundamental na literatura, tanto como tema, quanto como ferramenta de ressignificação do passado. Partindo dessa premissa, o presente estudo objetiva analisar a obra “*Os Canhões do Silêncio*”, de José Chagas, em uma perspectiva memorialística. Para tanto, interessa entender como se dá a relação do sujeito poético com a paisagem e espaços da cidade; como se formam as memórias a partir dos lugares históricos e quais elementos corroboram para a construção da memória do lugar. A obra em questão é constituída de 200 páginas, cujas imagens poéticas dialogam com a história e memória da cidade de São Luís do Maranhão. Em *Os canhões do silêncio*, o poeta constitui uma inquietante pergunta sobre o ser e o tempo por meio do uso da metonímia do mirante e do bairro Desterro, cujo eu poético reflete sobre a trajetória histórica do lugar entre o esplendor e a decadência. O eu do poema metaforiza as contradições de grandeza e miséria, de virtude e vício, de permanência e perecimento que assinalam a história cronológica do ser humano no local. Nessa perspectiva, a análise literária se fundamenta nos estudos de: Assmann (2011), Bachelard (2008), Halbwachs (1950), Le Goff (1997), Santos (2018), Izquierdo (2018), dentre outros. Constatou-se sobre a obra *Os Canhões do Silêncio* um universo literário amplo e muito bem desenvolvido que prende a atenção e provoca sentimentos variados, ao mesmo tempo em que as belezas de São Luís são narradas, há a presença da tristeza e melancolia do eu lírico ao recordar o passado da cidade. Além disso, ressalta-se que a cidade representa não apenas a morada física para o corpo do eu lírico, mas também o local que abriga suas emoções e guarda memórias profundas que transcendem em tempo e espaço.

Palavras-chave: Cidade. Memória. Lugares de memória. José Chagas.

ABSTRACT

Memory plays a fundamental role in literature, both as a theme and as a tool for reframing the past. Based on this premise, this study aims to analyze the work “Os Canhões do Silêncio,” by José Chagas, from a memorialistic perspective. To this end, it is important to understand how the relationship between the poetic subject and the landscape and spaces of the city occurs; how memories are formed from historical places and what elements corroborate the construction of the memory of the place. The work in question consists of two hundred pages, whose poetic images dialogue with the history and memory of the city of São Luís do Maranhão. In *Os canhões do silêncio*, the poet poses a disturbing question about being and time through the use of the metonymy of the viewpoint and the Desterro neighborhood, whose poetic self reflects on the historical trajectory of the place between splendor and decadence, the self. The poem metaphorizes the contradictions of greatness and misery, of virtue and vice, of permanence and perishing that mark the chronological history of human beings in the place. From this perspective, literary analysis is based on the works of: Assmann (2011), Bachelard (2008), Halbwachs (1950), Le Goff (1997), Santos (2018), Izquierdo (2018), among others. The work *Os Canhões do Silêncio* revealed a complete and very well-developed literary universe that captures attention and provokes varied feelings, while the beauties of São Luís are narrated, there is the presence of sadness and melancholy in the lyrical self. while remembering the city's past. Furthermore, it is noteworthy that the city represents not only the physical home for the body of the lyrical self, but also the place that houses its emotions and holds deep memories that transcend time and space.

Keywords: City. Memory. Places of memory. José Chagas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 MEMÓRIA E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	15
2.1 Considerações sobre memória.....	15
2.2 A memória e o inventário do passado.....	20
2.3 Relação entre memória individual e coletiva.....	26
3 CIDADE E PRESERVAÇÃO DO PASSADO.....	30
3.1 Breves reflexões sobre cidade.....	30
3.2 Cidade e espaços de memória.....	34
3.3 A cidade de São Luís: história e memória.....	40
4 MEMÓRIA DA CIDADE DE SÃO LUÍS EM OS CANHÕES DO SILÊNCIO.....	49
4.1 Jose Chagas e a cidade de São Luís: vida, obra e recepção crítica.....	49
4.2 A poética do tempo e da memória em <i>Os Canhões do Silêncio</i>	54
4.3 A cidade: memórias reavivadas em <i>Os Canhões do Silêncio</i>	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

A vida dos seres humanos constitui-se de uma variedade de momentos (episódios), de associações e de relações partilhados entre tempo e memória. O tempo, advindo a nós em passado, presente e futuro é o produtor fundamental da essência da memória, ao passo que, os conhecimentos e experiências são regidos a isso. De modo que a memória, aqui definida como a capacidade dos seres vivos de evocar, armazenar e adquirir informações, é algo complexo e atrelado desde a formação da identidade pessoal, como também de conduzir e influenciar no nosso dia a dia (Mourão Júnior; Faria, 2015).

Neste sentido, além da memória individual, tem-se a memória coletiva, fundamental para o desenvolvimento da sociedade, conceito que surge a partir do século XX, compreendendo que a além da dimensão que constitui a memória individual existe o coletivo e que ambas são condicionadas por um marco social (Jayo, 2022).

Partindo desse princípio, as cidades podem ser consideradas como um agente da memorização, pois elas possuem a capacidade de expor o mundo de histórias, trazendo para o presente os registros [ao longo explorados e criados pelas gerações passadas], e imortalizando suas heranças, parte dos seus conhecimentos, costumes, escritos e construções nelas criados os quais se fundem com a vivência da sociedade presente, ao mesmo tempo em novas memórias são criadas e adicionadas a elas (Oliveira, 2002, p. 29).

É importante ressaltar que o legado do passado de uma cidade é essencial na preservação da identidade individual e coletiva, pois é o que torna a experiência de seus moradores única e desperta o sentimento de pertencimento, tais experiências podem estar vinculadas ao elo que os indivíduos traçam com o local, seja por meio da sua história, cultura e/ou tradições. Nessa esteira, diferentes lugares guardam histórias diferentes e que têm poder para despertar diferentes sentimentos, seja na sua própria população ou, ainda, nos visitantes.

Nesse aspecto, a preservação dos elementos históricos contribui para que os habitantes da cidade e os visitantes compreendam e se conectem com as particularidades e o caráter único do lugar. Assim, o trabalho traz como objetivo geral analisar a obra *Os Canhões do Silêncio*, de José Chagas, em uma perspectiva memorialística. Para tanto, pode-se considerar como objetivos específicos: interessa

entender como se dá a relação do sujeito poético com a paisagem e espaços da cidade; como se formam as memórias a partir dos lugares históricos e quais elementos corroboram para a construção da memória do lugar.

A metodologia utilizada no estudo, partiu de uma pesquisa bibliográfica e descritiva. Salienta-se que os estudos bibliográficos são realizados a partir de um material existente e publicado, serve para estabelecer fundamentos teóricos acerca de um determinado tema, bem como explorar as lacunas e determinar novas linhas de pesquisa sobre o assunto (Gil, 2017). Enquanto as pesquisas descritivas têm como intuito investigar uma série de informações de forma detalhada e minuciosa acerca do objeto de estudo, podendo utilizar diferentes técnicas para coleta de dados, tais como questionários, fichamentos, entre outros (Gerhardt; Silveira, 2009).

O desenvolvimento do estudo foi realizado por meio de nove etapas definidas por Gil (2017), sendo estas: 1-Escolha do tema; 2-Levantamento bibliográfico prévio; 3-Formulação do problema; 4-Determinar o plano de realização do estudo; 5-Escolha das fontes; 6-Leitura crítica do material; 7-Fichamentos; 8-Organização e estruturação dos dados; 9- Redação do texto.

Notadamente, a principal fonte de dados do estudo foi a obra *Os Canhões do Silêncio* de 2002, do autor José Chagas, além disso foram realizadas consultas em bibliotecas virtuais, tais como: Google Acadêmico, repositórios de teses e dissertações ligadas a universidades brasileiras, e em obras que discutem a temática em questão, cujas abordagens pudessem contribuir para fundamentação teórica da pesquisa.

Para a análise do livro, foram utilizados os autores: Santos (2017), Izquierdo (2018); Pesavento (2005); Halbwachs (1950); Le Goff (1997), dentre outros que abordam sobre diferentes aspectos da memória e da, os quais podem ajudar a analisar e interpretar a escrita de José Chagas. Posteriormente, as informações e discussões acerca do tema foram organizados em três capítulos principais, destacando os elementos críticos e constituintes da obra.

Destaca-se ainda que *Os Canhões do Silêncio* dialoga com o patrimônio arquitetônicos e culturais da cidade de São Luís, considerando que os edifícios históricos, monumentos, ruas, sítios antigos, museus e arte pública são partes importantes do patrimônio constitutivo da memória cultural da cidade.

Neste sentido, os espaços representam memórias que constituem marcos para narrar a história da cidade e servem como pontos de referência culturais aos

habitantes e visitantes, sendo lugares que têm significados e que desempenham papel ativo na formação da memória cultural e histórica.

Nascido no sítio Aroeiras, município de Piancó, na Paraíba (atual Santana dos Garrotes) em 29 de outubro de 1924, filho de Francisco das Chagas Firmo e de Diana Capitulina das Chagas, o poeta, naturalizado maranhense, cursou o fundamental na Paraíba e o Ensino Médio em Teresina e São Luís. Nesse período, Chagas precisou interromper os estudos algumas vezes para ajudar os pais na agricultura. Seu sonho era ser Químico Industrial, contudo, não o pôde realizar, tornando-se funcionário do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e posteriormente, vereador da Câmara Municipal de São Luís, Diretor da Secretária-geral, e jornalista profissional, sendo técnico em Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão até aposentar-se, tais informações são da AML, 2023.

Foi membro da Academia Maranhense de Letras (AML), ocupando a cadeira de número 28. Foi considerado, ainda em vida, um monumento vivo da cultura local. Escreveu mais de 20 obras poéticas, dentre as quais se destacam: *Canção da expectativa* (1955) – livro de estreia, *Maré memória* (1973), *Lavoura azul* (1974), *Os telhados* (1999), *De lavra e de palavra* (2002) e *Os canhões do silêncio* (2002) (Araújo; Santos, 2018).

Consagrado cronista da capital maranhense, colaborou permanentemente para o “Jornal do Dia e O Estado do Maranhão”. Aclamado poeta do estado, possui diversos livros de poesia e as crônicas feitas por ele dariam matéria para mais de dez volumes, tais informações são da AML, 2023.

Considerando que os espaços e as formas físicas da cidade estão sujeitos a mudanças, devido à ação do tempo e do homem, o trabalho justifica-se pela necessidade de se compreender o quanto a produção literária de Chagas contribui para a preservação do passado, diante dos vestígios que comportam a memória do lugar. É importante mencionar que a preservação do passado permite que uma cidade mantenha viva a memória tanto individual quanto coletiva, de modo que a comunidade possa reconhecer suas raízes históricas, lembrar as lições do passado e eventos que moldaram o lugar. Desse modo, a cidade é um testemunho vivo da história e da cultura, ou seja, a cidade é mais do que um cenário urbano, é um livro aberto de histórias e de vivências.

Com efeito, o Maranhão, em especial a Ilha de São Luís, abriga uma vasta diversidade de elementos que compõem a memória e a história da região, além disso, possui grande potencial cultural e literário, visto que a cidade é rica em produções artísticas, quer seja no âmbito das artes plásticas, da produção literária, quer seja da arquitetura. Enfim, a Ilha chama a atenção dos visitantes e moradores por representar um importante espaço disseminador da cultura. Entretanto, muitos moradores ainda não conhecem a cultura da cidade, nem, tampouco, a produção literária do município no que se refere ao conhecimento sobre a cidade, seu passado que deve ser preservado, a fim de assegurar para gerações posteriores tanto as memórias individuais como também coletivas.

Em suma, para manter viva a cultura e a memória da cidade são necessárias estratégias que proporcionem uma aproximação entre o que é patrimônio histórico e cultural e as memórias individuais e coletivas, nas quais, frequentemente, a literatura se torna a ligação. Neste sentido, Cândido (1989) preceitua que:

[...] tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposto a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (Candido, 1989, p. 113).

Vale lembrar que o autor nos remete à ideia de que a literatura é uma janela para diferentes culturas, tradições e perspectivas. Ela nos permite explorar e compreender o mundo de outras pessoas, enriquecendo nosso horizonte e expectativa no que diz respeito à diversidade cultural, unindo memórias individuais e coletivas. Soares (2019, p. 165) preleciona que

a vida tece seus fios do cotidiano e a teia do destino vai entrelaçando memórias, enlaçando vivências; por seu lado, a escrita literária funciona como um tear a entretecer histórias cujos fios vão se emaranhando a partir das vozes dos narradores, entremeados com as falas das protagonistas e urdindo acontecimentos que irão ressignificar o passado sob as meadas do presente e suas correspondentes expectativas de futuro.

A literatura torna-se um instrumento para eternizar memórias e constitui um recurso utilizado por diferentes sociedades em diferentes períodos, onde há obras que transcendem as barreiras do tempo e permitem que as pessoas da atualidade possam vivenciar o passado de diversas culturas e suas particularidades.

Em se tratando desse aspecto, Le Goff (1997, p. 477) afirma que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Deve-se trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. Tal afirmativa nos traz a ideia de que se forma a memória de um povo a partir da relação de pertencimento que o indivíduo tem com o lugar em que vive, cuja memória é oriunda do conhecimento sobre esse lugar.

Dessa forma, a relação entre o sujeito que rememora e os vestígios do passado inscritos na paisagem é vital para a construção da identidade do lugar. Eles se complementam e enriquecem mutuamente, ajudando a compreender a história e a riqueza cultural.

A presente pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado Memória e seus desdobramentos [Considerações sobre memória; Memória e o inventário do passado e Relação entre memória individual e coletiva] são apresentados conceitos relacionados à memória em diferentes ramos da ciência e explicado o funcionamento, criação e armazenamento da memória dentro do processo cognitivo, além de expandir a relação existente entre a memória e o passado, momento em que se traça um paralelo entre semelhanças e divergências das memórias individuais e coletivas.

No segundo, são feitas reflexões sobre a cidade e sua importância para a preservação do passado, tanto no aspecto pessoal como no aspecto coletivo, para tanto, tais reflexões são realizadas a partir dos tópicos: “Breves reflexões sobre cidade”, “Cidade e espaços de memória”, e “A cidade de São Luís: história e memória”. Nesse aspecto, os subcapítulos, assim delineados, permitem que o leitor possa fazer suas próprias reflexões sobre memória, cidade e passado.

No terceiro capítulo, parte que envolve as análises, enfatiza o modo como o sujeito poético de Chagas percebe e descreve suas impressões sobre a paisagem de São Luís e dá relevância à memória da cidade na obra *Os Canhões do Silêncio*. Este capítulo se subdivide em: “Recepção crítica da obra *Os Canhões do Silêncio*”,

“José Chagas e a cidade de São Luís: vida e obra”, e “Análise memorialística de trechos do Poema *Os Canhões do Silêncio* de José Chagas”.

Em suma, o trabalho é de grande valia, uma vez que contribui para apresentar a literatura como uma importante fonte de conhecimento, destacando o papel do poema *Os Canhões do Silêncio* para a história da cidade de São Luís, mais especificamente, para o bairro do Desterro, local que já foi essencial para a economia da cidade e, hodiernamente, enfrenta um processo de deterioração, sendo possível que o leitor experimente as emoções do eu lírico e possa chegar as suas próprias conclusões a respeito do assunto.

Ademais, significações e representações culturais, construídas e compartilhadas no âmbito de uma memória social, propiciam a continuidade de tradições e a identificação de um povo. A partir da análise de autores renomados, o resultado desta pesquisa possibilitou a construção de um conhecimento sobre como a memória da cidade é capaz de refletir um passado, questionar o presente e projetar um futuro.

2 MEMÓRIA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Tudo que o ser humano conhece, suas percepções sobre o mundo e as pessoas que o cercam, sua própria personalidade e a maneira de lidar com problemas estão diretamente associadas à memória, traçando um paralelo entre passado e presente. Dessa maneira, é necessário apresentar os desdobramentos do termo memória para entender mais sobre a essência humana e as suas complexidades.

A seguir, será enfatizado alguns conceitos de memória, para depois explicar as particularidades que envolvem a memória humana e traçar a relação entre os diferentes tipos de memória, sendo eles: memória de curto prazo; memória de longo prazo; de curta duração; de longa duração e remota, baseando-se, fundamentalmente, na obra de Izquierdo (2018).

Nos subcapítulos seguintes, expõem-se o paralelo existente entre a memória e o passado, assim como a sua influência para determinar os sentimentos experimentados durante a vida.

2.1 Considerações sobre memória

A forma como o ser humano seleciona as informações, que serão acessadas e consideradas lembranças e a maneira com a qual o inconsciente armazena dados que talvez nunca venham à tona, evidencia a complexidade das funções psíquicas que se entrelaçam à psicologia, expondo a complexidade que envolve a memória humana.

Nesse contexto, Pesavento (2005, p. 13) afirma que “todo traço do passado possui em si uma sucessão de temporalidades objetivas acumuladas [...]”, ou seja, o passado vai deixando marcas que se acumulam no espaço, vivências e experiências e moldam o ser humano em todas as instâncias de sua vida. Neste aspecto, o tempo envolve as lembranças e conecta histórias armazenadas por cada indivíduo e vivências individuais e coletivas, resultando na condição subjetiva da memória, onde a palavra memória adquire diferentes significados a partir de diferentes contextos. (Barros, 2013).

A preocupação com a memória tem origem antiga, ultrapassou a oralidade e se fixou na escrita, Le Goff (1997, p. 377) assevera que “A passagem da memória

oral à memória escrita é certamente difícil de compreender”. Há evidência de que a preocupação com a memória é de origem atribuída à Grécia. Em 260 a.C. os gregos começaram a registrar os vencedores de jogos, levando diversos filósofos a se dedicarem a estudar sobre a importância da memória (Le Goff, 1997).

É nítido que o tema é amplo e se ramifica para diversas áreas, no entanto, a influência grega é aceita em todo o mundo, apesar de haver diferentes significados quanto à etiologia. O ponto em comum é a atribuição significativa de sentimentos enraizados a ela, que configura toda a simbologia na construção e evolução identitária do ser. Para Le Goff (1997),

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le Goff, 1997, p. 366).

O autor expõe as funções que envolvem a memória, fazendo com que os conceitos outrora místicos e nebulosos ganhassem explicações científicas no decorrer do tempo, sem perder sua relação com a origem. Corroborando com o exposto, Gong e Shuai (2015) discorrem que a memória é um processo cognitivo para codificar, armazenar ou recuperar informações, sendo um dos requisitos fundamentais para as atividades comunicativas efetivas com outros indivíduos.

Pesavento (2020) revisita a mitologia grega e apresenta a deusa Mnemósine, a memória, mãe de diversas musas, entre elas, Clio, a história, que deveria ser subordinada a sua mãe, todavia, com o advento da escrita e a crescente fama de Clio, os papéis foram invertidos e a história passou a subjugar a memória e tentar aprisionar o tempo dentro das histórias escritas, desprezando a influência da memória.

Destarte, a decodificação da memória é uma tarefa que envolve diversos fatores, e o homem ainda não desvendou todos os mistérios que a englobam, diferentes áreas do conhecimento formulam conceitos distintos que dialogam entre si, convergindo em alguns pontos e divergindo em outros para apoiar suas particularidades.

A memória não é considerada apenas como um meio de acesso a informações armazenadas, e sim, como uma ação, que pode ser direcionada à integração, evocação, atualização e até mesmo à exclusão de eventos e

consequentemente impactando de forma direta ao ser e a sua existência no mundo (Ferraz, 2012).

As diversas definições existentes para ela evidenciam a profundidade do seu significado e estimulam a curiosidade acerca do assunto, o ser humano é insaciável e sempre busca aprender mais sobre o fenômeno de formação e consolidação da memória.

Pode-se assegurar que as pessoas são formadas por recordações, não precisando se tratar, necessariamente, de grandes acontecimentos para marcar as pessoas de forma positiva ou negativa. Para tanto, é fundamental trazer à luz os termos científicos que se relacionam à memória.

No decorrer de seu livro, Izquierdo (2018) acrescenta que as memórias podem ser facilmente perdidas ou modificadas; o estudioso, ainda, destaca que processos saúde-doença também se relacionam com a formação e consolidação das memórias e apresenta conceitos importantes para a neurociência. O autor fornece dados organizados em uma ordem que permite ao leitor compreender a análise da memória proposta no livro, em que o material constitui uma importante fonte para investigar a memória e relacioná-la para formar laços com outras características humanas.

Izquierdo (2018) classifica a memória de acordo com a função, duração e conteúdo. Dessa forma, primeiramente, de acordo com a função, a memória de trabalho, que é mediada pela memória imediata, são usadas como sinônimos e têm a função de determinar a realidade e o contexto em que se está inserido, e se há necessidade de armazenar determinadas informações por maior tempo.

A memória de trabalho é responsável por “lembrar” de informações que recebemos e, posteriormente, não serão usadas, como o nome de alguém que parou para pedir ajuda e não será visto novamente, ou a rápida lembrança de um endereço que está sendo anotado. Pode-se dizer que esta abre caminho para outros tipos de memória e conecta os indivíduos com o mundo exterior, uma vez que é responsável pela compreensão de diálogos e tudo que um ser pode ter contato e precisar de respostas rápidas.

No que concerne à memória de conteúdo, ela é dividida em declarativas e procedurais. As declarativas são definidas como dados que são assistidos e aprendidos; e a procedural se refere à ação, melhor dizendo, coloca em prática um conhecimento adquirido, algo que se demonstra na prática e não apenas com

palavras. As memórias declarativas são fundamentais para a vida humana, e compõem parte das lembranças de um indivíduo, já que é praticamente impossível que os seres humanos não aprendam informações a partir da leitura ou análise de filmes e músicas, sem falar na gama de conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Quanto ao tipo procedural, sua definição se refere ao armazenamento e recuperação de informações sobre habilidades motoras, tendo ligação direta com a cognição, onde uma pessoa não precisa pensar em como executar uma função, ela simplesmente faz, sendo auxiliado na realização de atividades cotidianas. Sobre o assunto, Izquierdo (2018, p. 51) afirma o seguinte:

Denominam-se memórias procedurais ou de procedimentos as memórias de capacidades ou habilidades motoras e/ou sensoriais e o que comumente chamamos de “hábitos”. Exemplos típicos são as memórias de como andar de bicicleta, nadar, saltar, soletrar, tocar em um teclado etc. É difícil “declarar” que possuímos tais memórias; para demonstrar que as temos, devemos executá-las. Uma partitura aprendida de cor é uma memória episódica; sua execução em um teclado é claramente procedural, como o é andar de bicicleta, nadar, saltar ou soletrar.

Não é comum que as pessoas reflitam e se lembrem constantemente como se deve caminhar, comer, beber, e outras coisas, as memórias invadem automaticamente os seres, de forma espontânea ou não, em outros momentos. Pois as lembranças também podem ser instigadas por coisas externas ao homem e viver dentro de objetos, músicas, cidades e tudo mais que existe, podendo ser evocadas quando se tem contato com eles.

Acerca disso, Bosi (2003, p. 35) questiona: “nós devemos então contar histórias? A nossa história? É verdade que, ao narrar uma experiência profunda, nós a perdemos também, naquele momento em que ela se corporifica (e se enrijece) na narrativa”. Nesse sentido, as memórias são fluidas e adquirem diferentes sentidos a partir do contexto em que estão inseridas, principalmente no que tange às memórias declarativas, pois essas representam a forma de obter conhecimento a partir da observação. Segundo Izquierdo (2018), quanto à classificação das memórias e, de acordo com a duração, aponta-se que há a memória de curta duração; memória de longa duração e memória remota.

A memória de curta duração é necessária para uma variedade de comportamentos humanos, se unindo, ainda, a processos mais complexos, como o

fluxo de pensamentos, pois a compreensão do mecanismo pode até mesmo esclarecer os fatores envolvidos na compreensão de doenças mentais graves (Cheng et al., 2020). Izquierdo (2018, p. 117) salienta que:

A perda da memória recente com preservação da memória de longa duração é patognomônica do quadro clínico que se denomina delirium, muitas vezes ocasionado por causas orgânicas e geralmente reversível.

A memória de curto prazo é fundamental para o desenvolvimento dos seres humanos, diferindo da memória imediata por durar um pouco mais de tempo, podendo permanecer por algumas horas, em que as informações retidas podem ser alteradas durante o período e até mesmo perdidas. Nesse sentido, é importante atentar-se para o infortúnio e até mesmo procurar ajuda profissional.

Sobre a memória de longa duração, sua definição reside no fato de armazenar informações ilimitadas por meses ou anos, está diretamente ligada à memória de curta duração, porém, os mecanismos que circundam a transferência de memórias de curto prazo para as de longa duração não são totalmente esclarecidos, no qual a diferença entre elas não se evidencia apenas no tempo, mas na funcionalidade (Casella; Al Khalili, 2023). Izquierdo (2018, p. 61) destaca que “por último, as memórias de longa duração que duram muitos meses ou anos costumam ser denominadas memórias remotas”.

A partir desse ponto, as informações sobre as memórias começam a adquirir confluência, expandindo as ideias a respeito da temática, evidenciando a necessidade de buscar mais informações e traçar paralelos. As lembranças irradiam para fora das pessoas e se aderem a cidades, objetos, monumentos, coisas palpáveis ou até mesmo imateriais, como é o caso dos cheiros que ativam determinadas recordações, ressaltando a importância das memórias remotas para a formação de uma pessoa enquanto ser racional. Para Izquierdo:

Todos sabemos por experiência própria que os estados de ânimo, as emoções, o nível de alerta, a ansiedade e o estresse modulam fortemente as memórias. Um aluno estressado ou pouco alerta não forma corretamente memórias em uma sala de aula. Um aluno que é submetido a um nível alto de ansiedade depois de uma aula, pode esquecer aquilo que aprendeu. Um aluno estressado na hora da evocação (por exemplo, em uma prova) apresenta dificuldades para evocar (os famosos “brancos”). Já aquele que, pelo contrário, estiver

bem alerta conseguirá recordar muito bem. Um aluno profundamente deprimido também recordará pouco e mal (Izquierdo, 2018, p. 141).

As memórias carregam emoções mais profundas e preciosas, formam o caráter e personalidade, definem a essência humana e são associadas a patologias físicas e psicológicas. Izquierdo (2018, p. 141) resume “Os estados de ânimo, as emoções, o nível de alerta, a ansiedade e o estresse modulam fortemente as memórias”, onde é enfatizado que o exposto não propõe um final a questionamentos e sim, constitui a base para um maior aprofundamento nos enlaces das lembranças.

Uma vez que se entende algumas divergências e convergências que os conceitos dos diferentes tipos de memória apresentam e sua relação com o real significado de viver, torna-se possível compreender o fascínio dos escritores em explorar a memória e lançar ao mundo histórias que são capazes de transmitir os mais diferentes sentimentos, via recordação. Robertson (2002, p. 30) acrescenta que

O advento de novos métodos de neuroimagem funcional oferece uma oportunidade para obter informações sobre como o cérebro humano apoia a formação da memória. Cada sistema de memória possui uma organização anatômica distinta, onde diferentes partes do cérebro são recrutadas durante as fases de armazenamento da memória. Dentro do cérebro, a memória é uma propriedade dinâmica de populações de neurônios e suas interconexões. As memórias são depositadas em nossos cérebros por meio de mudanças químicas no nível dos neurônios.

Nesse sentido, as pesquisas indicam que a memória é composta por múltiplos sistemas separados, que podem ou não se complementar, tais sistemas estão apoiados por diversas áreas cerebrais e recebem interferências resultantes de eventos traumáticos, saúde física e psicológica, entre outros aspectos.

2.2 A memória e o inventário do passado

Em se tratando de memória, ela é responsável pelo desenvolvimento do aprendizado, da linguagem e comunicação, constituindo e configurando o ser no mundo, tornando possível que ele reconheça suas raízes, seu espaço, seu encargo histórico, sua responsabilidade social e consiga criar características próprias e coletivas, pois, como diz Pollak (1989, p. 8), “o que está em jogo na memória é

também o sentido da identidade individual e do grupo”. Em consonância com esse pensamento, Candau (2011) afirma que não existe busca identitária sem a presença da memória, já que é a partir dela que se manifestam os mais diversos interesses e profundidades de cada pessoa.

Nesse aspecto, a obra *Os Canhões do Silêncio* apresenta uma identidade do lugar (a cidade de São Luís), pautada na memória do passado, em que os interesses do eu lírico são expressos a partir dos fragmentos da memória que é revisitada no decorrer do livro.

Como argumenta Hall (2006, p. 38), “assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Todos os momentos experimentados se tornarão um dia memórias daquilo que fomos e definirão quem seremos.

A construção da identidade é complexa e acontece junto com o seu desenvolvimento em diferentes áreas, seja ela social, profissional, religiosa, amorosa, entre outros. As pessoas nascem como uma “folha em branco” e são os estímulos internos e externos, como suas vivências e as pessoas que elas conhecem, que vão preenchendo e as moldando, criando individualidades que diferenciam uma pessoa das outras. O indivíduo não permanece o mesmo, sua identidade sempre está sendo adaptada, mas, mesmo diante das diversas mudanças que acontecem, as lembranças permanecem. Dessa forma, *Os Canhões do Silêncio* solicita ao passado do lugar que o eu poético conheceu para abordar as mudanças ocorridas no decorrer do tempo.

Para se falar de memória há de fazer referência ao pretérito, dado que os acontecimentos vividos se transformam em recordações íntimas, particulares e coletivas. Não é possível mudar o passado, todavia, as lembranças vindas dele possuem um grande papel no modo como o mundo é vivenciado.

De mais a mais, o passado tem um inventário de dados que nos garante delinear um caminho rumo ao futuro, mas isso só é possível através de nossas memórias, que dizem quem somos e nos possibilitam idealizar quem poderemos nos tornar, sendo o nosso conjunto de lembranças que define nossa personalidade ou forma de ser (Izquierdo, 2018).

O ser humano é a sua própria história e aquilo que ele guarda e lembra dela, para se evidenciar o entrelaçar à vida, surgem questionamentos que só são

possíveis de serem respondidos graças às lembranças acumuladas. A memória nos conduz ao passado e restaura evidências relevantes para a nossa atualidade (Assmann, 2011).

De acordo com Bergson (1999), a aplicação da experiência passada para a ação presente deve ser feita de duas formas: por meio da própria ação e desempenho automático do instrumento adequado e através do trabalho do espírito, que buscará no passado os acontecimentos que melhor condizem com a circunstância atual.

Com as experiências passadas, é possível garantir aprendizados que servirão por toda a vida. Algo que já foi vivenciado pode não trazer a mesma reação emocional no presente, pois adquirimos a capacidade de lidar com o acontecido. Além disso, os problemas ou intercorrências que surgem podem ser mais facilmente solucionados quando em algum momento da vida passamos por algo parecido, buscando na memória a melhor forma de conduzir nossas ações e reações.

Apesar do ato de rememorar ser algo comum e praticamente automático, é fundamental enfatizar a grande importância de se conectar com as próprias lembranças, visto que as memórias alcançadas dão a possibilidade de progresso pessoal, fazendo com que seja possível determinar atitudes e situações que se quer repetir ou evitar. Nesse aspecto, na obra de José Chagas, o eu lírico evoca lembranças relacionadas ao bairro do Desterro para expressar emoções conflitantes a respeito do local, sobre isso, Sobral e Giacomellil (2018) afirmam:

A memória é por definição falha, no sentido de não poder ser precisa, dada as limitações humanas e o poder do contexto de evocar algumas lembranças e de levar ao esquecimento de outras. O sujeito que rememora não é o mesmo sujeito que viveu o rememorado, já que desde então alterou os aspectos mutáveis de sua identidade. O rememorado, portanto, também é resultado da valoração presente do passado por um sujeito que viveu esse passado evocado, mas, desde então, mudou e mobiliza esse passado segundo suas necessidades presentes. Recordar um “momento feliz” é, ao mesmo tempo, memória e construção presente desse “momento feliz” quando da rememoração. Portanto, recordar envolve ao mesmo tempo esquecer: recordamos alguns aspectos, esquecemos outros, e, se rememorarmos em momentos distintos o mesmo evento, não haverá necessariamente coincidência entre os aspectos lembrados e os esquecidos a cada recordação. Recordar envolve seletividade (Sobral; Giacomellil, 2018, p. 406).

A maioria das percepções não são puras, pois, muitas vezes, não é possível captar todos os detalhes ocorridos, então da mesma forma que um quebra-cabeça se torna incompleto ao faltar uma peça, a memória não segue uma ordem linear. Diante disso, o ser humano é capaz de criar falsas memórias ou distorcer memórias existentes, a fim de agradar o sistema psíquico, buscando explicações para responder questões, até então, sem esclarecimento, preenchendo lacunas.

“A memória ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada” (Candau, 2011, p. 16). Acerca disso, Bergson (1999) afirma que a memória implica a conservação de imagens passadas e que, às vezes, tais imagens se misturam com a interpretação do presente, completando a percepção atual como um modo de enriquecer a experiência vivida, podendo, até mesmo, em alguns casos, substituí-la.

A explicação para isso está no próprio processo de formação da memória realizado pelos neurônios, mais especificamente durante a tradução. As informações adquiridas não são exatamente iguais à realidade, assim, ao chegarem no cérebro para serem traduzidas e convertidas elas sofrem mudanças ou perdas (Izquierdo, 2018). Revisitar as lembranças é adentrar em um lugar que faz parte de nós e, ao mesmo tempo, está fora de nós. Com o passar do tempo, as lembranças vão criando versões, transformando-se, mudando, ganhando novos significados, criando camadas e, com isso, vão se tornando protagonistas ou perdendo o protagonismo de acordo com as nossas vivências.

Muitas memórias são bloqueadas pelo sistema psíquico como um modo de proteção, por despertarem sentimentos ruins ou desconfortáveis que, conseqüentemente, estimulam um certo modo de agir. Por isso, não é qualquer memória que vem à tona, é preciso haver um estímulo ou gatilho que a ative.

É possível escolher e trazer à tona recordações no tempo e no espaço, não aleatoriamente, mas, porque elas se relacionam com a circunstância vivida naquele momento, deslocando as percepções imediatas e ocupando a consciência de forma profunda, intensa, latente e ativa (Bosi, 2003). A memorização de alguns dados e informações é realizada através de associações de conceitos, símbolos, imagens, palavras, frases, listas e fórmulas que têm como objetivo facilitar o trabalho do cérebro.

Nessas circunstâncias, a seleção daquilo que é recordado é realizada de acordo com sua utilidade para o dado momento. Situação, lugar, sujeitos envolvidos e, principalmente, o tempo conseguem interferir, de forma direta ou indiretamente,

no reconhecimento e valores que são atribuídos a um mesmo evento (Pollak, 1992). Assim como o passado da cidade de São Luís e o bairro do Desterro são mencionados em *Os Canhões do Silêncio* durante a rememoração do eu lírico.

O tempo presente é marcado pelo passado e futuro. Relembramos no presente aquilo que, de alguma forma, nos impactou e que tem potencialidade para moldar nosso futuro. É por causa dele também que algumas memórias vão se apagando, uma vez que com o passar do tempo nosso cérebro elimina certas informações para dar espaço a outras.

No entanto, mesmo que o tempo passe, algumas lembranças permanecem gravadas, pois cada indivíduo possui, em seu íntimo, sua temporalidade construída por fatos que fazem sentido para ele. Assim, cada momento é único e visto de variadas maneiras e interpretações, dependendo daquele sujeito que o vive e do que acontece naquele instante, podendo criar, diante disso, lembranças, boas ou ruins. Acerca do tempo e como ele tem o poder de interferir na memória, em seu trabalho Bosi (2003, p. 53) afirma que:

A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa. Existe a noite serena da criança, a noite profunda e breve do trabalhador, a noite infinita do doente, a noite pontilhada do perseguido.

Um mesmo período traz lembranças diferentes para as pessoas, isso porque são influenciadas por diversos critérios, sendo um dos principais o sentimento. A forma com que os ritmos temporais são vivenciados e ressignificados, depende muito da sensação despertada no momento que aquela recordação aconteceu, que pode ter sido boa ou ruim, alegre ou triste, de raiva ou de satisfação.

Conforme Izquierdo (2018), os grandes moderadores da obtenção, criação e ativação das memórias são as emoções e os estados de ânimo. Assim, pode-se considerar as emoções como uma parte modeladora na memória, ativadas ao acessar as lembranças, permitindo o indivíduo reviver as sensações ligadas a determinado episódio.

Não há memória que não traga um sentimento, muitas vezes, essa mesma sensação pode ser partilhada por muitas outras pessoas em diferentes graus de

intensidade, especialmente quando as lembranças estão interligadas a um lugar, trazendo uma sensação poderosa de nostalgia. Pois quando habitamos um espaço e nos sentimos parte dele, por mais longe ou mais desconhecido que seja, provavelmente alguém já deve ter passado por lá e vivido experiências marcantes e até mesmo similares.

Em *Os Canhões do Silêncio*, de Chagas, à medida que o eu lírico retrata os lugares visitados e importantes em sua memória sobre a cidade São Luís, exprime os sentimentos individuais e coletivos atrelados a lugares que comportam o passado da cidade. À proporção que se refere ao tempo, desperta sentimentos aflorados a cada elemento, como monumentos, ruas e bairros, marcos importantes na história do eu lírico, dos habitantes e da própria história da cidade.

Quando as experiências com o lugar deixam marcas, o cérebro e o coração são afetados. Ao serem evocadas, muitas vezes, é o coração que aciona o cérebro para lembrar. Em seu estudo, Zuanon et al. (2020) explicam que os pensamentos e emoções experienciados têm impactos nas funções de todos os órgãos humanos.

As reações corporais ativadas pela ação de rememorar podem desencadear prazer ou desprazer, uma vez que não temos controle sobre a memória, já que o subconsciente controla o corpo e a perspectiva que se tem diante das circunstâncias. Nesse sentido, as imagens poéticas de Chagas envolvem cenas do presente, as quais acionam espaços e acontecimentos de outras temporalidades, mediadas por sentimentos, emoções ou até indignações.

Nesse ínterim, lembranças e sentimentos se relacionam mutuamente, ou seja, experiências possuem a capacidade de se tornarem marcantes por evocar respostas emocionais, já que a emoção é uma resposta gerada a partir de certa experiência. Logo, por fazer parte da nossa essência e depender da emoção que nos gera, é possível dizer que a memória também é afetiva. Conforme Costa e Dias (2022, p. 4),

Memória afetiva é tudo aquilo que nos desencadeia lembranças, seja ela através de elementos sensoriais, tais como: o cheiro de um bolo que sua mãe fazia, ou um brinquedo que você teve na infância, o som do choro do seu filho assim que ele nasceu, voltar na casa ou cidade onde morou e ter lembranças ali vividas, olhar uma fotografia e recordar do dia em que foi tirada essa foto, enfim, as sensações e emoções que essas coisas te causa, são lembranças que ficam guardadas no nosso subconsciente e que chamamos de memória afetiva.

À vista disso, é certo dizer que o passado e o presente estão interligados, uma vez que, por meio de memórias e de sentimentos acionados por elas, é possível trazer de volta imagens, cheiros e gostos como se estivessem sendo vivenciados novamente, podendo transportar uma grande carga emocional, que faça rir, chorar, ter raiva ou sentir saudade.

Assim, compreende-se que a construção da memória se dá pela interação do ser humano com o mundo e com as relações sociais, nos mais variados cenários da vida. Por meio da afetividade, os indivíduos estão expostos a sensações positivas ou negativas, com pouca ou muita intensidade, por uma determinada situação, de maneira que cada um designa uma relação, significado e sentido a ela (Pereira; Abib, 2016).

As recordações estão interligadas a imagens mentais, sejam elas de pessoas, objetos, animais, ambientes ou fenômenos. Ao serem revividas, possuem potencial de deflagrar reflexos emocionais em cadeia, afetando a parte emocional do corpo (Damásio, 2011). Diante disso, em *Os Canhões do Silêncio* é possível observar elucidaciones sobre as lembranças do ser poético, sensível à medida que percorre o presente-passado e vice-versa. Ao acessar a memória, cada pessoa se depara com sentimentos, como a solidão, o medo, a felicidade, os quais são despertados à medida que são descritos os lugares experienciados por ela.

Sendo uma execução pessoal e conjunta de ocorrências e interpretações do passado, a memória tenta definir, de modo mais ou menos consciente, o sentimento de pertencimento a algum lugar, a algum momento.

2.3 Relação entre memória individual e coletiva

Através de memórias construídas ao longo do tempo, é possível refletir sobre a importância de conhecer e cuidar do patrimônio no sentido de garantir a manutenção dos bens culturais, assim como a disseminação da cultura, da história e da memória tanto individual, quanto coletiva. Pesavento (2005) lembra que:

[...] dimensão individual do processo de rememoração – sede primeira de toda atividade mental de evocar, como aponta Bergson -, é ultrapassada nesta instância, quando se trata de pensar que toda

memória individual se constrói, também, com a memória dos outros (2005, p. 13).

Não é possível traçar um limite entre memória individual e coletiva delimitando totalmente o começo e o fim de cada uma, pois as memórias individuais são fragmentos que podem se unir às lembranças de diferentes pessoas da comunidade a que se pertence.

Segundo Halbwachs (1950), a memória, por mais pessoal que seja, é construída socialmente, no dia a dia, por meio de vivências e experiências compartilhadas. Para isso, os indivíduos criam laços, buscam afinidades, memórias comuns e, a partir daí, criam uma identidade coletiva, uma memória social.

À vista disso, a memória individual, e, por consequência, a identidade pessoal, acaba recebendo interferências da coletividade, incluindo elementos mais amplos que os individuais. “Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também, sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas, por várias” (Halbwachs, 1950, p. 25).

Assim, a literatura de cunho memorialístico é baseada nas memórias e experiências pessoais. Caracteriza-se por retratar eventos e momentos vivenciados por quem se pronuncia, bem como seus pensamentos, emoções e experiências. Diante , Halbwachs (1950, p. 39) salienta que

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

A relação entre memória individual e coletiva é relevante para entender como as pessoas constroem a compreensão do passado, da identidade, da cultura, o que remete à ideia de que inúmeros fatores influenciam nossas vivências. Como diria Halbwachs, “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (Halbwachs, 1950, p. 31).

A memória individual refere-se às lembranças pessoais e experiências de um indivíduo ao longo da vida, tais lembranças remetem a fatos vividos e podem ser carregados de emoção, lugares por onde passamos que também acabam se tornando fonte destas memórias e formando a base da autoidentidade e influenciando as perspectivas e ações de cada pessoa. Assim, ela é altamente subjetiva e pode ser seletiva, ou seja, nem todas as experiências são lembradas e algumas podem ser distorcidas pelo tempo ou pela interpretação.

Nesse aspecto, Chauí (2005, p. 158) ressalta que “Memória é uma evocação do passado, é a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais [...]”. A autora mostra que é a partir da memória que se forma acervo de histórias.

A memória se alimenta de lembranças, experiências e histórias vividas. São marcas que se transformam em vestígios e rastros. Por isso, recordar é caminhar de volta ao passado, trilhar paisagens e histórias que marcaram as trajetórias. Em suma, a memória apresenta-se como um fenômeno ligado às individualidades, a uma memória pessoal.

A ressignificação do passado envolve saberes históricos, patrimônio e espaços de memória a provar “eu estive ali”, o que implica se colocar na condição de testemunha de fatos e locais que outrora tinham outras funcionalidades. Isso posto, a percepção das vivências individuais e coletivas, que concebem um determinado recorte temporal e espacial, não se resumem tão somente à experiência nacional e ao mesmo tempo não estão desvinculados desta.

As lembranças favorecem e tonificam o sentimento de adesão dos sujeitos a uma coletividade, enriquecem a conexão social, as quais designam os fatores congêneres do grupo e, também, as singularidades e particularidades que o distinguem dos demais.

As impressões concernentes ao passado são compostas por experiências, das interpretações que se dá aos fenômenos, por meio das integrações com os eventos e as materialidades. Halbwachs (1950) utiliza-se da memória fenomênica para contestar a história, pois, para o autor, aquela interliga o indivíduo às coisas, e o auxilia na formação de vínculos de pertencimento aos espaços, arraigando cada sujeito ao seu agrupamento social.

Sobre essa discussão, Nora (1997) pontua que “os lugares de memória são aqueles nos quais a memória trabalha” (p. 18), provendo o indivíduo de diferenciados quadros de referência, com fundamento nos quais a instância individual se correlaciona com a coletiva. Esses quadros de referência são oriundos de outros períodos, outras conjecturas e vivências, “frequentemente integram-se em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem”.

Mediante o exposto, observa-se que a memória, muitas vezes, desempenha um papel crucial na construção de identidades e, assim, narrativas passadas podem ser usadas para fortalecer o senso de pertencimento a um lugar e para legitimar lembranças acerca de algum lugar visitado.

Nora (1997) destaca, ainda, que o apego às memórias está relacionado diretamente à necessidade do ser humano de esclarecer os mistérios que cercam a vida. Nesse sentido, a percepção de passado é conectada ao que foi perdido, ao que, conscientemente, é sabido que não pertence a ninguém e que, conseqüentemente, não pode voltar.

Nesse ínterim, os lugares de memória são um porto seguro que as comunidades projetam, a fim de preservar o que lhes é caro. É a própria identidade tanto do lugar, quanto das pessoas que está lá, pronta a ser acessada, sem se confundir com a ideia de antiquário, algo aprisionado, imutável e preservado de forma intocada. É também um outro indício do excesso patrimonial do tempo presente, pois um bem cultural elevado à condição de patrimônio goza de certo status na sociedade.

Sendo assim, é nesse momento que as pessoas sentem a necessidade de reviver, recriar, e costurar tessituras de histórias para estabelecer o sentimento de pertencimento e identidade própria.

3 CIDADE E PRESERVAÇÃO DO PASSADO

“Ser um contigo, ó cidade/é prêmio ou pena?”

(Dobal, 2005).

Apesar dos progressivos processos de mudanças urbanas realizados dentro de uma cidade no intuito de se adaptar às necessidades da sociedade, ela guarda uma memória, na qual resgatando seu passado é possível entender sua identidade social e cultural, além da sua importância.

Partindo dessa premissa, neste capítulo foram realizadas algumas reflexões sobre a cidade e os seus componentes. Logo depois, será feita uma abordagem sobre como os espaços da cidade contam histórias e memórias, destacando como a preservação é imprescindível. Por fim, focalizou-se a cidade de São Luís, discorrendo sobre seu patrimônio cultural e as particularidades que ela carrega.

3.1 Breves reflexões sobre cidade

“O tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar”

(José Saramago, 2005)

É cristalino que a cidade é o lócus do desempenho da produção humana em razão das relações estimuladas pela construção econômica e capitalista. Todavia, para realizar a análise da cidade, deve-se ir além da visão do morador, quem está condicionado por necessidades vitais e preocupações, levando em consideração emoções e sentimentos, pois ela é uma forma de viver, pensar e sentir que produz valores, conhecimentos, ideias e cultura (Carlos, 2019).

A cidade é um lugar onde o legado do passado se manifesta de maneira visível e palpável; ela abriga uma rica tapeçaria de história, cultura, arquitetura e memória que se acumulou ao longo de décadas, séculos e, em alguns casos, milênios.

A preservação do passado de uma cidade desempenha um papel vital na compreensão da identidade, na promoção do turismo, no enriquecimento cultural e no planejamento urbano sustentável. Uma cidade deve preservar seu patrimônio histórico e cultural, como prédios históricos, monumentos, igrejas antigas, praças e bairros tradicionais. Esses elementos físicos são vestígios tangíveis do passado que

podem contar histórias sobre a evolução da cidade, seu crescimento e sobre as pessoas que a habitaram ao longo do tempo. Ao se considerar a cidade como lugar de memória, está se considerando que ela abriga em seus espaços, ruas, becos e elementos físicos, o passado da cidade (Halbwachs, 1950).

Para proteger e preservar o passado das cidades, muitos historiadores se dedicam a estudar seus espaços. Nesse aspecto, Le Goff (1997, p. 15) discorre que “Esta equação ancestral [...] repõe, para a tarefa de pensar a memória e a história das cidades, uma espécie de luta ou tentativa de superar o tempo”. Nesse ponto, a busca por manter o passado e, conseqüentemente, as memórias, evidenciam a influência que os eventos pregressos representam na vida de pessoas e na coletividade.

Dessa forma, Montenegro ressalta que a memória tem como característica o processo relativo ao que a realidade provoca no sujeito e, a partir dela, forma-se e operações, aos impactos sobre seus habitantes. Formando um imaginário que se constituiu em uma referência permanente de futuro (Montenegro, 2001, p. 19).

Atrelado a isso, temos a história local/regional como um ponto de partida importante para que se concretize a relação memória e história, valorizando e recuperando histórias do passado, que servem como base para a construção de um futuro melhor, que busque a resolução de problemas, utilizando recursos que poderiam não ser acessíveis em determinadas épocas.

Diante do exposto, vem à luz o pensamento de que a ocupação das sociedades humanas com aquilo que teria ocorrido no seu passado tem seguido duas linhas de perscrutação: uma, com base na história; a outra, com base na memória. Os vestígios do passado fornecem evidências tangíveis sobre a história, eles incluem artefatos, documentos antigos, registros arqueológicos, monumentos, edifícios históricos, entre outros. Quando esses são descobertos, podem lançar luz sobre acontecimentos passados, costumes, tecnologias e, até mesmo, sobre a vida cotidiana de culturas antigas. Nesse sentido, Pesavento (2005) expõe o seguinte:

O tempo das cidades é múltiplo e está sempre a ser construído, pois a cidade é uma contínua reinvenção do mundo no espaço: desde o tempo do presente, onde se realizam as opções políticas e se decidem as intervenções sobre o urbano, a cidade se reconstrói continuamente, tendo por horizonte o passado e o futuro (Pesavento, 2005, p. 14).

As diversas modificações que a cidade sofre, no decorrer dos anos, como meio de se reordenar e adaptar, contam histórias que permitem se organizar uma realidade já acontecida ou que se projete algo para o futuro, tornando o tempo um guia.

O ritmo da cidade também é alterado com o passar dos anos e determina a forma com que as pessoas vivem. Muitas vezes, ele que causa a perda da identificação com o lugar e com outras pessoas que ali vivem (Carlos, 2019). O tempo envolve as lembranças e conecta as histórias armazenadas por cada indivíduo, conectando as vivências individuais e coletivas.

Convém ressaltar que as cidades são formadas de história viva que estabelece paralelos entre o passado e o presente, permitindo avaliações para o futuro, portanto, as civilizações buscaram formas de registrar suas atividades e repassá-las para gerações futuras. Pesavento (2005, p. 14) acrescenta que “habitar uma cidade, viver em espaço urbano é, forçosamente, dotá-la de condições para que nela se exerça a vida para além do tempo do agora, do cotidiano da existência”. O que ressalta a importância dos registros e monumentos presentes nos espaços comunitários para a preservação do passado.

Assim, as descobertas frequentemente enriquecem ou desafiam as narrativas históricas, por exemplo, a descoberta de manuscritos antigos pode revelar informações inéditas sobre uma civilização ou evento importante, alterando nossa compreensão da história. Assim, os vestígios do passado moldam e refinam a memória histórica ao fornecer uma base factual para as interpretações históricas.

Nesse sentido, entende-se que a poesia de Chagas ressignifica espaços, elementos antigos e histórias da cidade de São Luís, possibilitando preservar a memória do lugar.

É fato notório que, em se tratando da memória histórica e dos vestígios do passado, ambos desempenham um papel significativo na forma como as pessoas compreendem e constroem relações com a cidade e com a identidade cultural do lugar. Outrem, a memória histórica refere-se à preservação, transmissão e interpretação das informações e eventos do passado, pois ela não é apenas uma coleção de fatos objetivos, mas também, é moldada por interpretações, valores e perspectivas culturais. Ao entender de onde viemos e quais foram nossas jornadas históricas, podemos nos sentir conectados com nossas raízes e compreender melhor nossa trajetória.

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (Halbwachs, 1950, p. 25).

Observa-se que notadamente a cidade é muitas vezes um caldeirão de diferentes culturas, etnias, religiões e *backgrounds* sociais. Isso cria oportunidades para interações ricas e diversificadas, mas também, pode gerar tensões e desafios. A cidade é, frequentemente, central para nossa identidade. As pessoas se identificam, muitas vezes, com sua cidade natal ou a cidade onde vivem, e esses lugares desempenham um papel importante em como nos vemos e como somos vistos pelos outros.

Nesse sentido, Pesavento (2005, p. 14) corrobora com o exposto ao afirmar que “o presente da cidade, tempo da vida, é um momento no espaço onde se reabilita o passado das *urbes*, material e imaterial, para que nela as pessoas se reconheçam e identifiquem, ancorando suas referências de memória e história”. É notado a gama de oportunidades que o espaço urbano gera a nível individual e coletivo, sendo inspiração ainda, para diversas formas de expressão artísticas. A autora acrescenta que:

Renovar e reabilitar, jogando, desde o presente, as dimensões do passado e do futuro de uma cidade, seria uma outra forma de exercer a cidadania, entendendo que habitar a cidade implica dotar seus habitantes deste direito de usufruir vários tempos. O direito à cidade, fundamental na construção do que se pensa como cidadania, é, fundamentalmente, um direito à história, à memória, à identidade (Pesavento, 2005, p. 14).

Para tal, entender nossa existência do espaço micro (individual) e macro (coletivo) em que estamos inseridos, é o que desperta nossa consciência em relação aos moldes da sociedade e construção do próprio espaço em que vivemos.

Nossas memórias, fruto de uma experiência coletiva, marcada por diferentes transformações e aspectos ao longo dos anos, não impacta somente a experiência como sujeito, mas também, nós, como indivíduos pertencentes a um lugar, também o marcamos, deixamos nossas impressões, um vestígio como parte da história no qual estamos inseridos.

3.2 Cidade e espaços de memória

A cidade vive em constante movimento e mutabilidade. Nada permanece de forma igual, produzindo transições que conectam a história passada, o presente e o futuro, amparados em memórias. Para Araújo e Santos (2018, p. 104), é possível dizer que “Os signos citadinos são uma via de representação simbólica pautados em sociabilidades capazes de pôr em cena experiências individuais e interpessoais”.

Deve-se ressaltar que as cidades são como ‘camadas’ de história, onde as construções e eventos do passado podem coexistir e se relacionar ao presente, implicando que o passado não é preservado e sim incorporado na cidade. Nela, encontra-se um depósito de memórias e história, edifícios antigos, monumentos e marcos históricos que contam a história da cidade e de suas transformações ao longo do tempo (Anderson, 1999).

Convém lembrar que as discussões sobre a preservação do passado também abordam questões éticas, como quem decide o que deve ser preservado, quem financia a preservação e quem se beneficia dela. Assim, a cidade se apresenta como um “texto” a ser lido e interpretado, com cada elemento arquitetônico e cultural contendo significados e histórias.

A preservação do passado é, portanto, a preservação do texto cidade. Diante de um mundo cada vez mais globalizado, algumas cidades podem perder parte de sua identidade cultural, decorrente de uma estética globalizada em detrimento de sua história local. Discutir sobre isso reflete as complexidades e desafios enfrentados pelas cidades ao tentar equilibrar o respeito pelo passado com a necessidade de se adaptar às mudanças contemporâneas.

Na cidade, coexistem diferentes épocas, dessa forma, a preservação do passado da cidade envolve a consideração de como o tempo e o espaço se entrelaçam. A cidade apresenta camadas de história que podem ser descobertas em cada esquina, ou seja, apresenta-se nela um produto da construção social, em que as narrativas sobre o passado são criadas e perpetuadas pelas pessoas que vivem na mesma.

Conforme Calvino, “as cidades, como os sonhos são construídas por desejos e medos ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas

escondam uma outra coisa”. Santos (2013) apresenta nesse contexto a seguinte afirmação:

Longe de se limitar à condição de espaço habitado, a cidade é movida por práticas sociais e por formas relacionais do homem consigo mesmo e com os outros, bem como com os lugares de convivência. O uso e funcionalidade da cidade dinamizam os espaços e permitem a apreensão de seus sentidos, cuja pragmática leva os sujeitos sociais a descobrirem-na e a se reconhecerem como partícipes da conjuntura à qual pertencem. Assim, o homem vai reelaborando informações, vivências, em confronto com novas experiências, de modo a favorecer o enriquecimento de seus conteúdos de memória (Santos, 2013, p. 36).

Ademais, a pesquisadora nos leva a pensar que a preservação do passado não pode ser uma atividade isolada, uma vez que deve ser considerado no contexto do desenvolvimento urbano, das mudanças sociais e das necessidades da comunidade. Isso requer uma abordagem holística que leve em conta não apenas os edifícios históricos, mas também, a cultura viva da cidade. Segundo Abreu (1988):

O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em "instituições de memória", ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares, não é de se estranhar, então, que seja ele que vem dando o suporte mais sólido à essa procura de diferença. A busca da identidade dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente uma busca de raízes, uma busca de passado (Abreu, 1988. p. 79).

Essa materialização pode ser observada, por exemplo, nas ruas de uma cidade, que são uma rica fonte de memória e história. Elas desempenham um papel fundamental na construção da identidade e na preservação da memória coletiva de uma comunidade.

Nessa perspectiva, os nomes das ruas, muitas vezes, refletem a história e a cultura de uma cidade. Eles podem homenagear figuras históricas, eventos importantes, características geográficas ou aspectos culturais. Ao andar por uma cidade, as placas e os nomes das ruas podem servir como lembretes constantes do passado da comunidade. Elas muitas vezes abrigam marcos e monumentos que celebram eventos históricos, figuras notáveis ou conquistas. Os monumentos funcionam como pontos de referência físicos que contam histórias e preservam memórias.

Algumas cidades têm "museus a céu aberto" ou áreas históricas que preservam a história da cidade. Isso inclui bairros antigos, casas históricas e áreas de conservação que mantêm viva a memória do lugar. À medida que as pessoas vivem e interagem numa cidade, histórias locais são transmitidas de geração em geração.

Tais histórias, muitas vezes, estão enraizadas nas ruas e nos lugares que as pessoas frequentam. As ruas também podem ser testemunhas das transformações urbanas. A demolição de edifícios antigos, a criação de novas vias e o desenvolvimento urbano são evidências visuais das mudanças que ocorreram na cidade.

Em *Os Canhões do Silêncio*, esses elementos podem ser observados à medida que o eu poético adentra na história, trazendo os símbolos que remetem à história da cidade de São Luís, envolvendo casarões, igrejas, ruas, cuja combinação desses elementos possibilita a visualização da paisagem única que retrata um local com um passado rico em histórias e que sobrevive à modernização.

A vida cotidiana cria uma tapeçaria de memórias individuais e coletivas. Os locais onde as pessoas se encontram, conversam, trabalham e vivem deixam vestígios na forma de histórias pessoais e comunitárias. Para os visitantes e residentes, explorar os espaços de uma cidade pode ser uma jornada de descoberta, onde cada esquina revela algo novo e intrigante sobre a história e a cultura do lugar.

As ruas de uma cidade são mais do que simples vias de transporte; são documentos vivos do passado, lugares de memória e testemunhas das histórias que moldaram a comunidade ao longo do tempo. Elas nos convidam a explorar e entender a rica tapeçaria de eventos e experiências que contribuíram para a identidade única de uma cidade.

Pierre Nora traz a luz que a expressão lugar de memória, ao atentar-se para o apagar das memórias, em decorrência do processo de mudança intensificado, ocasionado pelos fenômenos da globalização, uniformização e imersão midiática das massas. Diz Nora:

A emergência do estudo dos Lugares de Memória se situa em dois movimentos: de um lado um movimento puramente historiográfico, o momento de um retorno reflexivo sobre si mesmo, e de outro, um

movimento propriamente histórico, o fim da tradição de memória (Nora, 1997, p. 28).

A sociedade seleciona os espaços considerados dignos de preservação, onde se abrigam as memórias, em face das mudanças. É no âmago de uma desritualização do mundo que surgem os lugares de memória.

Com fulcro nos ensinamentos de Halbwachs (1950), entende-se que a memória articula indivíduos e coletividades, dentro de contextos de convivência. Isso posto, o processo de instituição do espaço e da memória ocorre, indissociavelmente, de forma que a materialidade daquele cristaliza a imaterialidade desta.

Convém ressaltar que o autor traz uma categorização do espaço como sendo “uma realidade que dura”. Assim, esse elemento funciona como um condicionante da materialização da memória que, por sua vez, é responsável pela conservação do grupo. Cada agrupamento social intervém no espaço, com o escopo de estabelecer um quadro regular, no qual tenham condições de estabilizar e encontrar novamente suas recordações.

Em suma, a metáfora da "cidade como palco da vida" é uma maneira de entender a complexidade da experiência urbana. Ela nos convida a olhar para a cidade não apenas como um arranjo físico de edifícios, mas, como um espaço onde as histórias humanas se desenrolam, as identidades são formadas e os desafios e triunfos da vida são representados diariamente.

Hodiernamente, a relação entre a cidade, seu legado e a preservação do passado tem sido motivo de muitas discussões teóricas e filosóficas, bem como de temas em diferentes gêneros literários. Várias perspectivas e abordagens diferentes são desenvolvidas para entender como a cidade lida com seu passado e como isso afeta sua identidade e desenvolvimento.

Vale salientar que a cidade é um organismo vivo em constante evolução, o passado e o presente se entrelaçam, de modo que o legado do passado desempenha um papel relevante na formação da identidade de uma cidade e na maneira como seus habitantes interagem com o ambiente urbano.

Dessa maneira, a preservação do passado da cidade é essencial para garantir que futuras gerações possam apreciar e aprender com a história da cidade. O passado dela é representado por sua arquitetura, monumentos, tradições e histórias, das quais contribuem de modo veemente para a construção da identidade

do lugar. Convém lembrar que esses elementos conectam as pessoas à sua herança e ajudam a manter viva e rica a diversidade cultural. Diante do exposto, Gomes preceitua que:

A cidade como ambiente construído, como necessidade histórica, é resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza. Além de continente das experiências humanas, com as quais está em permanente tensão, 'a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história' (Gomes, 2008).

Segundo o autor, a cidade é como um livro, em que cada rua, praça e edifício contam a história do lugar. A arquitetura, as tradições, a gastronomia e as festividades que persistem são os tijolos que constroem a identidade cultural de uma cidade, a qual é fonte de orgulho para os habitantes, uma conexão com as raízes e um farol para os visitantes em busca de experiências.

Uma abordagem importante para a preservação do passado é o desenvolvimento participativo, cuja comunidade local desempenha um papel ativo na decisão sobre o que deve ser preservado e como isso ajuda a garantir que a preservação reflita os valores e interesses da comunidade.

Certamente, a relação entre a cidade, seu legado histórico e a preservação do passado abrange diversas dimensões da vida urbana e da cultura. Sendo assim, a identidade de uma cidade não é apenas um reflexo de seu passado, mas também um elemento vital de sua coesão social. A preservação do patrimônio histórico ajuda as comunidades a se conectarem com sua história compartilhada e a se unirem em torno de valores e tradições comuns. Isso promove um senso de pertencimento e orgulho cívico entre os habitantes do lugar. Araújo e Santos (2018) entendem a representação da cidade na Literatura da seguinte forma:

A representação da cidade na literatura depende do modo como o escritor faz uso dos espaços e de seus elementos concretos e simbólicos. A urbe, enquanto um texto a ser decifrado, permite a apreensão de significados mediante a leitura/uso, sendo o próprio uso passível de leitura (Araújo; Santos, 2018).

A relação entre a cidade, seu legado e a preservação do passado também podem ser analisados à luz da teoria literária. Muitos escritores exploram questões relacionadas à memória, identidade e patrimônio histórico, mas também sobre os problemas sociais. Isso demonstra que a literatura é uma forma de registrar e transmitir a memória de uma cidade. Nesse sentido, são incorporados elementos históricos e culturais que contribuem para a preservação da herança cultural.

Os edifícios históricos, monumentos, ruas e praças desempenham papéis essenciais na construção da identidade da cidade. Eles contam a história de pessoas que vivenciaram os espaços e acompanharam mudanças pelas quais a cidade passou ao longo do tempo. Neste sentido, a preservação de elementos culturais e históricos é vital para manter viva essa identidade.

Os vestígios do passado de uma cidade são como janelas que permitem olhar para trás no tempo e entender a história que moldou o presente. Eles são elementos tangíveis ou imateriais que sobreviveram ao longo dos anos e carregam a herança cultural e histórica de uma localidade. Os vestígios desempenham papel significativo na formação da identidade de uma cidade e na experiência de seus habitantes.

Nesse aspecto, as cidades contêm espaços de memória coletiva e individual que se entrelaçam com a vida cotidiana; funcionam como lugares vivos de experiências, histórias e eventos que moldaram a sociedade ao longo do tempo. A arquitetura histórica é uma forma tangível de registro, já que os estilos atualizados e os detalhes decorativos podem contar histórias sobre as épocas em que foram construídos, a exemplo, os azulejos das fachadas dos casarões, as pedras de cantaria das ruas antigas, os beirais dos sobrados e outros fragmentos do centro histórico de São Luís. Nesse sentido, uma cidade com uma variedade de estilos inovadores representa uma narrativa visual que contribui para contar o seu passado e o modo como vai, gradativamente, evoluindo.

É notório que o desafio dos trabalhos voltados para preservação do patrimônio histórico e cultural no mundo contemporâneo é tanto maior quanto menos se conhece a herança deixada por nossos antepassados, quanto menor for o registro, a documentação e a disponibilização dessas informações para o cidadão comum e o público em geral menor será a sua captação e sua reflexão no âmbito no qual está inserido. Com o advento das cidades e o crescente processo de globalização, os laços de identidade tendem a ceder. Somam-se a isso o ritmo acelerado das pessoas e todo tipo de influência, os quais abrem precedente para outros países e culturas.

Gonçalves (1996) relata que o patrimônio cultural está diretamente ligado ao folclore, antropologia e à história, atrelando-se às lendas, tradições e até mesmo à política para restaurar, preservar e expor objetos e outras coisas que permitam o

preenchimento de lacunas. Dessa forma, entende-se que uma nação e seu patrimônio cultural são formados da oposição ao seu natural processo de destruição.

Por outro lado, o campo de visão limita-se ao eu investido de nostalgia, que tenta reelaborar as perdas dos lugares afetivos e de memória que a modernidade corrói. As transformações sucessivas impedem a permanência da tradição que daria o sentido de pertença. As experiências, ou melhor, as vivências do eu consistem numa sequência de rupturas e descontinuidades, de modo que o olho não mais se reconhece nos lugares sociáveis.

A fragmentação vai-se projetando em um possível desencajamento que se encaminha para consequências morais. Esta reação de desencajamento, quando imersa na diferença, é o resultado das forças que criaram uma disjunção entre vida interna e externa. Tal disjunção esfacela o casamento entre o eu e a cidade, laço só possível através do canto elegíaco, que dramatiza o divórcio e a diferença.

3.3 A cidade de São Luís: história e memória

Discutir a memória da cidade de São Luís não é algo simples, principalmente quando, de um lado, há vários discursos sobre seus atributos culturais, turísticos, logísticos que muitas vezes mascaram a realidade e seus problemas assim como em diversas outras cidades; e, de outro, há suas denominações como “Ilha do Amor”, Jamaica Brasileira”, “Atenas Brasileira e “Região Metropolitana da Grande São Luís”, o que se pode entender somente sobre a compreensão de distintos contextos históricos (Ferreira, 2016). O ponto comum que não se pode negar é a beleza do lugar, como pode-se constatar na imagem a seguir:

Figura 01: Parte histórica da cidade de São Luís.



Fonte: <https://www.indavoula.com.br/centro-historico-de-sao-luis/>

A cidade de São Luís do Maranhão foi fundada pelos franceses em 1612, mas em 1615 os portugueses retomaram o controle dela, em que se ressalta que a economia era basicamente agrário-exportadora, cujo trabalhadores eram em sua maioria negros escravizados. A localização estratégica de Upaon-Açu, nome indígena da Ilha de São Luís, entre os rios Anil e Bacanga, tornou-a um importante posto de defesa contra invasões estrangeiras. Sobre a cidade, Nascimento (2014) discorre:

Uma Ilha do Atlântico Sul, situada entre as baías de São Marcos e de São José de Ribamar, assim é São Luís do Maranhão. Para os seus primeiros habitantes, os Tupinambás, uma ilha grande: Upaon-Açu. Estabelecida pela Constituição do Estado do Maranhão, em seu Art. 8º, a cidade de São Luís, na ilha de Upaon-Açu, passou à capital do Estado do Maranhão. Para alguns poetas, Ilha do Amor, para outros, Jamaica Brasileira, porque dizem que aqui o reggae fez morada. Entretanto, tal título não é unanimemente aceito, muitos o veem com desprezo. Pela sua poesia a ilha é magnética e palco de variada cultura, herança das etnias que a povoaram: dos portugueses, além da língua, herdamos os festejos juninos, os folguedos de bumba meu boi; dos índios que participaram do processo de colonização aprendemos a usar a rede para o descanso do corpo, a comer o pirão da mandioca e o beiju. Dos negros, cuja força construiu as cidades, herdamos, essencialmente, os tambores de crioula e de mina (Nascimento, 2014, p. 15).

A cidade de São Luís tem 412 anos e guarda histórias e diferentes crenças e tradições, o que lhe confere tanta riqueza de detalhes e uma expressão artística e cultural única, cuja influência dos povos indígenas e africanos é palpável e essencial à memória cultural, Santos e Santos (2022) afirmam:

Os relatos memorialísticos surgiram com o próprio homem, como uma necessidade imperiosa de explicar fatos, de compreender forças misteriosas que regiam o mundo primitivo, de desvelar a natureza humana, alimentada pela coesão do grupo. Esse fazer humano teve, desde sempre, relação com o ato de conhecer a realidade, sobretudo de conhecer a si mesmo, pelo crivo da sensibilidade e da convivência com os membros da comunidade (Santos; Santos, 2022, p. 326).

A cidade de São Luís é por si só um relato memorialístico fundamental, tanto para entender a história e a cultura do Estado do Maranhão, sendo seu centro histórico considerado um patrimônio cultural mundial pela Unesco (Organização das

Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) desde 1997, por ser testemunho de tradições e culturas que se interligam no decorrer dos anos. É fonte de curiosidade e estudos, atraindo visitantes de todo o mundo. Santos e Santos (2022) entendem que

A cidade exerce um papel estruturador da memória e da identidade do lugar que, por sua vez, é repleta de tensões e contradições diante das novas projeções espaciais decorrentes do capital e da ação humana. Isso acaba proporcionando outros diálogos com o território geográfico, suas consequências podem ser apreendidas por meio da paisagem cultural e social (Santos; Santos, 2022, p. 337).

São Luís, através de seus casarões e prédios antigos, tradições, culinária e sua diversidade em geral, é capaz de expressar, por meio de seus elementos constitutivos, as nuances e sujeitos e histórias que configuram a memória do lugar.

Nesse sentido, é importante a preservação da memória cultural da cidade. Santos e Santos (2022, p. 339) acrescentam que é função da literatura “[...] aproximar o sujeito de sua herança cultural e sensibilizar leitores por meio de imagens poéticas, edificando o sentido da relação com a cidade e resguardando, por meio da memória, a alma coletiva de um determinado grupo”.

Dessa forma, é importante citar o que Petrus e Pereira Júnior destacam o seguinte sobre o surgimento de São Luís:

Uma cidade antiga, com pouco mais de 100 anos depois do descobrimento do Brasil, foi colonizada em quase uma mesma época pelos portugueses. São Luís era privilegiada por sua localização estratégica e sua economia. Foi a única cidade do Brasil descoberta pelos franceses, tempo bastante curto, pois três anos após os portugueses tomaram, e depois os holandeses a invadem, e mais tarde os portugueses voltam a tomar posse de São Luís. Depois que os portugueses expulsaram os franceses de São Luís, em 1615, esta começa a ter forma de cidade com o projeto do engenheiro Frias de Mesquita que a planejou em forma de xadrez e ruas retas, herança histórica da influência da Espanha sob Portugal, que estava sob o domínio Espanhol. Frias construiu, também, vários fortes para protegê-la de invasões (Petrus; Pereira Júnior, 2017. pág.10).

Por conseguinte, a cidade de São Luís foi considerada de grande interesse aos colonizadores, tendo em vista sua localização geográfica e proximidade ao mar, cujo contato com a metrópole era facilitado, o que atraía viajantes e imigrantes europeus, especialmente portugueses, com intuito de estabelecer moradia e, com isso, fortalecer a economia local e o prestígio do lugar.

Segundo Salgado Neto e Pflueger (2013, pág. 11), o período imperial representou o auge do Maranhão e, em 1820, São Luís tornou-se a quarta cidade mais importante do Brasil, entre Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Tal posição se manteve até o último quartel do século XIX, o que a levou a passar por grandes

transformações tanto econômicas quanto arquitetônicas, com destaque para a elite intelectual e para um rico e extraordinário legado patrimonial. Com a abolição da escravatura, a cidade passa por um declínio econômico.

A cidade é a materialização da história que envolve os povos que a fundaram, traz consigo diversos nomes que tentam traduzir suas belezas, encantos e valor cultural, no entanto, é envolta por divergências e contradições sociais.

Particularmente, os centros históricos possuem valores por serem a base da memória cidadina (Pinheiro; Borges Filho; Pantoja, 2020). Nesse aspecto, o centro histórico de São Luís é uma área rica em história e cultura, conhecida por sua arquitetura colonial bem preservada, com ruas estreitas, fachadas coloridas e azulejos portugueses. Muitos edifícios datam dos séculos XVII e XVIII, o que reflete o período de prosperidade da cidade durante a produção de algodão e açúcar (IPHAN, 2023). No entanto, apesar dos esforços para preservar o centro histórico, a área enfrenta desafios relacionados à degradação de edifícios antigos, ao crescimento urbano desordenado e à necessidade de revitalização contínua.

A narrativa histórica implica uma jornada que nos leva de volta aos tempos coloniais, quando a cidade era um importante entreposto comercial e cultural. Sua arquitetura e cultura únicas, tornam-na um tesouro histórico que continua a encantar visitantes e a inspirar o respeito pela história e pela tradição cultural do Brasil.

Na década de 1970, a ação preservacionista mudou essa noção de monumento isolado, para o entendimento de patrimônio como cultura. E a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), terá papel fundamental nessa concepção, ao instituir, em 1972, a categoria de “patrimônio cultural da humanidade” para bens tombados pelo poder público local, que passam a ser reconhecidos internacionalmente. O patrimônio passou a se tornar um produto cultural a ser preservado para o consumo pelo turismo” (Camêlo, 2019, p. 132).

Vale lembrar que as ruas do centro histórico de São Luís são parte fundamental da memória da cidade e desempenham um papel importante na preservação da história e da cultura local. São ruas estreitas e pavimentadas com pedras de cantaria, testemunhas de séculos de história e eventos que moldaram a cidade. Elas são conhecidas por seus casarões coloniais coloridos e vistas como símbolo da arquitetura portuguesa, o que representa a época colonial. Em sintonia com o exposto, Pesavento (2005) afirma que

A arquitetura e a escrita aspiram, de certa forma, uma vitória sobre o tempo, uma permanência e estabilidade. Em termos gerais, a arquitetura inscreve no espaço uma forma que aspira a durabilidade, exceção feita às chamadas arquiteturas do efêmero, presentes na nossa contemporaneidade. A história, por seu lado, inscreve no texto um relato que visa também a uma permanência de sentido. Mesmo tendo em conta que seu objeto é a mudança das sociedades no tempo, a narrativa histórica aspira salvar o passado para o presente e registrar para o futuro um discurso explicativo sobre o tempo. A memória é, por definição, uma luta contra o esquecimento. Nesta medida, arquitetura, memória e história poderiam ser definidas como atividades humanas marcadas pelo enfrentamento com o tempo, assegurando registros voltados para a durabilidade (Pesavento, 2005, p. 15).

A categoria patrimônio, no deslinde das categorias conceituais no que diz respeito ao patrimônio cultural, materializa-se como um conjunto de bens que contam a história de uma geração através de sua arquitetura, vestes, mobílias, utensílios, armas, ferramentas, transportes, obras de artes, documentos, como também as danças, ritmos, folclores, lendas. Sobre a patrimonialização das cidades, Pesavento (2005) relata que

A patrimonialização do passado da cidade implicaria em assumir a cidade como propriedade cultural partilhada [...] Reconhecer uma história comum inscrita no espaço da cidade, entender como sua uma memória social, saber ver no traçado das ruas e nos prédios e praças lugares, dotados de sentido, endossar um pertencimento, reconhecendo territórios e temporalidades urbanas, é tarefa que deve ser assumida pelas instâncias pelas quais se socializa uma atitude desejada, indo da mídia ao ensino, do governo à iniciativa privada. Isto implicaria em criar responsabilidades, em educar o olhar e as sensibilidades para saber ver e reconhecer a cidade como um patrimônio herdado (Pesavento, 2005, p. 16).

Ao se referir ao patrimônio histórico-cultural também se reporta à compreensão da identidade histórica que mantém vivo os costumes de determinadas sociedades, e a necessidade de que a população compreenda sua importância. No que concerne ao patrimônio cultural, consideram-se o conjunto de bens materiais ou imateriais, que contam a história de um povo através de seus costumes, religiões, rituais, festas etc.

Assim sendo, o centro histórico de uma cidade é uma área central relativamente ao restante da área construída, exercendo um poder de atração sobre

os habitantes e turistas, é um foco da vida econômica e social é um local que possui uma imagem simbólica, seja para aqueles que moram na cidade ou para aqueles que a visitam. Para Duailibe (2013) a categoria centro histórico pode ser pensado como um lugar, onde se cruzam vários outros lugares e onde os sujeitos e as narrativas acontecem no sentido de fazer valer memórias e sociabilidades.

Dessa forma, o significado de patrimônio histórico e cultural está intimamente relacionado à memória individual e coletiva, sendo a obra *Os Canhões do Silêncio* importante para ressignificar tradições e costumes da cidade de São Luís, como também, para prestar homenagens ao passado que foi importante e serviu de base para a formação da cultura local.

É nítido que a expressão patrimônio é aqui utilizada como uma representação simbólica que envolve o papel da memória e das tradições que vão convergir na construção de identidades coletivas. No entanto, a ideia de patrimônio apresenta uma trajetória longa desde o seu surgimento até sua institucionalização no Brasil.

Além disso, a ideia de patrimônio surge com um propósito de construção de valores com características diversas e adaptáveis aos contextos que emergem, a partir disso é que se moldam a representação autêntica do patrimônio e os seus significados a nível comunitário, regional ou nacional (Abreu, 2008). Nesse sentido, as cidades estão repletas de elementos que narram a história do local, ressaltando os momentos históricos mais marcantes. Entretanto, a noção sobre a categoria patrimônio, ao longo do tempo, sofre modificações. Expressões como patrimônio histórico artístico representa uma noção utilizada na década de 1930 no Brasil, período em que o Estado decidia o que tinha ou não de ser preservado, com o objetivo de construir a identidade da nação brasileira bem como seu imaginário simbólico.

Notadamente, o objetivo era legitimar a posse pelo Estado a bens culturais atrelados ao domínio dele em nome da sociedade na qual representa. “A ideia de se constituir um patrimônio era de fundamental importância para a formalização da história nacional e legitimação do Estado brasileiro, em um projeto de homogeneização da cultura brasileira” (Noronha, 2006, pág.58). O que evidencia a importância das cidades, e suas representações.

Parte dos patrimônios históricos representa o pensamento arquitetônico marcado de influências de diferentes períodos, os quais foram primordiais para

estabelecer mudanças físicas nas cidades por meio de técnicas culturais e artísticas que podem ser observados e acompanhados de um lado a outro do planeta e constituem a identidade cultural de um povo (Zenkner, 2005). Na cidade de São Luís, tais influências podem ser vistas na arquitetura do lugar, resultado da passagem e da vivência de diferentes povos e culturas que ali atuaram.

Nessa perspectiva, a memória da cidade é carregada de herança simbólica, concretizada em monumentos, edifícios, documentos, festas populares e religiosas (Santos; Moreira, 2020). Corresponde a um acúmulo de lembranças que estão imortalizadas nas paisagens e registros de determinado espaço, sendo apropriadas pela sociedade, que as associa a sua identidade e ao cotidiano (Ferreira, 2016).

Todavia, os registros memorialísticos de um lugar são constituídos por duas facetas diferentes: daquilo que se quer registrar de forma heroica e fantasiosa e a outra, de fatos verossímeis. Diante disso, é o que se pode questionar da memória histórica e coletiva, na qual qualquer lugar povoado apresenta um pouco de ambas, o fato é que a memória histórica pode ser alterada e usada como uma verdade única (não necessariamente) para determinar o conseqüente da memória das próximas gerações.

Para Candau (2011 pág. 34), a memória histórica “pertence a todos e a ninguém e tem vocação universal”, bem como permite a abertura dialética entre a amnésia e a lembrança. E, portanto, difere da memória coletiva apreendida do momento e da vivência em um determinado tempo e lugar.

No que tange à cidade de São Luís, tem-se o conhecimento das belezas locais, mas, por trás do cenário rico em encantos, existem as marcas de mãos escravizadas nas pedras das ruas antigas, nas paredes dos casarões e igrejas seculares. A cidade é marcada por desigualdades, como também existe há marcas de segregação e uma desordenada divisão socioespacial.

O que vemos e sentimos é uma cidade totalmente inversa do seu significado, com uma estrutura social de face dupla acentuada, ricos e pobres, uma sociedade cada vez mais desigual e fragmentada. A segregação interfere diretamente nas possibilidades do modo de viver, no exercício efetivo dos direitos de cidadania, como se dividisse a cidade em troços com várias complexidades, com seus pedaços desiguais, e onde cada um conhece o seu lugar e se sente diferente nos demais (Petrus; Pereira Júnior, 2017, pág. 02).

Essa situação não é exclusiva de São Luís, é na verdade um reflexo do mundo globalizado e da acentuada desigualdade social, mas que afeta, de todo modo, o curso de vida de pessoas vulneráveis. Para Costa e Zago (2008), em meados do século XIX, a cidade de São Luís encontrava-se policêntrica e no seu apogeu como polo de valorização e comércio. Contudo, nas últimas décadas, a cidade tem sofrido com o acelerado adensamento habitacional e ocupação de vazios espaços urbanos com a implantação de condomínios e residências.

O crescimento urbano provocou problemas visíveis para a cidade, dentre eles: o déficit de habitação e maiores demandas do poder público, poder esse que não é capaz de atender a toda população, de forma igualitária, na saúde, educação, segurança e infraestrutura. Diante disso, surge uma outra problemática que é o aumento da criminalidade (Moreira; Petrus, 2024).

Na obra de José Chagas, percebe-se a descrição do Bairro Desterro, espaço tradicional em São Luís, rico no aspecto histórico, mas que também apresenta marcas do processo do subdesenvolvimento e da segregação. Muitas vezes, tal segregação evidencia as desigualdades existentes no local.

De acordo com Ferreira (2008), o Bairro Desterro é dividido em duas regiões: a interdita e a do centro histórico. A região interdita corresponde a uma divisão intra região de “cima”, sendo classificada, como lugar segregado e marginalizado; a parte que corresponde à região pertencente ao centro histórico foi construída, a fim de possibilitar a aproximação dessa área com as demais localidades, uma maneira de revisitar o passado e a historicidade local. Ferreira (2008) destaca que:

Esse processo coletivo de construção da memória individual não viabiliza, porém, a reconstrução literal da memória de um grupo. Os grupos se transformam com o tempo, relacionando-se com outros grupos, esfacelando-se e esfacelando consigo uma memória comum. Contudo, restam cacos dessa memória coletiva nas memórias individuais, que consistem numa perspectiva específica e particular daquela, refratada pelo tempo e pela relação com outros meios (Ferreira, 2008, p. 23). Assim a construção da memória coletiva e histórica é marcada por diferentes aspectos, em uma se tem a experiência frente às vulnerabilidades do local, a fragmentação social e o descaso, enquanto a outra constitui do ser “histórico” e ser “patrimônio histórico” que se projeta não apenas no local, mas para fora, para o mundo, ambas constituem do identitário populacional.

Vale ressaltar que a cidade de São Luís, com sua cultura diversificada, histórias e memórias, tem sido inspiração de escritores maranhenses e de outros estados que se encantam pelo lugar, estando a cidade registrada em obras escritas em diferentes gêneros, cuja conservação das memórias da cidade se destaca. Um desses autores é José Chagas, estudado nesta pesquisa.

4 MEMÓRIA DA CIDADE DE SÃO LUÍS EM OS CANHÕES DO SILÊNCIO.

A abordagem utilizada por Chagas emprega recursos linguísticos e literários variados que permitem atingir diferentes objetivos, possibilitando que leitores diversos possam se identificar com o livro, gerando as mais diversas interpretações. Os livros do autor permitem várias interpretações, as quais dependem da óptica que se deseja analisar, o que torna seus textos tão ricos, vivos e atuais.

Este capítulo é destinado à produção poética e análise da obra, objeto desta pesquisa. No primeiro tópico, José Chagas e a cidade de São Luís: vida, obra e recepção crítica, será abordado alguns aspectos gerais. Serão apresentadas algumas informações sobre o autor, a fim de contextualizar sua trajetória e os motivos que os levaram a determinar as características internas da obra e do assunto escolhido, captando suas intenções e raciocínio.

No segundo tópico, intitulado “A poética do tempo e da memória em *Os Canhões do Silêncio*”, será abordado trechos do livro que fazem um paralelo entre o tempo e a memória, despertados pelas vivências do autor na cidade de São Luís.

Na terceira parte, em que traz o tema “A cidade: memórias reavivadas em *Os Canhões do Silêncio*”, serão apresentados trechos do poema que refletem mais sobre o Bairro do Desterro, as memórias do eu lírico e a cidade de São Luís.

4.1 José Chagas e a cidade de São Luís: vida, obra e recepção crítica

A obra *Os Canhões do Silêncio* é composta por 284 páginas e foi publicada em 2002 pela editora Siciliano em sua terceira edição. Premiada em 1978 no Concurso Literário Bandeira Tribuzi, realizado pela Sociedade de Melhoramentos e Urbanismo da Capital de São Luís do Maranhão, é o décimo livro na bibliografia do autor (Chagas, 2002).

No livro, há uma abordagem memorialística que remete à passagem do tempo, à simbologia fluída de elementos físicos da cidade, tais como ruas, casarões, bairros e objetos que podem levar os transeuntes a viajarem pela memória histórica e coletiva do lugar.

Nesse aspecto, para melhor compreensão, é preciso, antes de tudo entender a composição do livro, seus recursos linguísticos e literários, o estilo artístico e outras características que lhe conferem originalidade.

Os Canhões do Silêncio é formado por um único e longo poema narrado de maneira pessoal, com perspectivas de mundo decorrentes das emoções subjetivas.

Na obra, a cidade, o mirante e o tempo se tornam protagonistas no imaginário do autor que se utiliza de recursos que os personificam. O espaço e a paisagem de São Luís são elementos bases para fundamentar sentimentos e episódios dignos de serem lembrados.

Nesse contexto, pode-se dizer que José Chagas tem licença poética para transformar tradições, visto que o fazer poético dele está atrelado à sua relação com o tempo e a história da cidade à qual se reporta (Oliveira Filho, 2012). Sobre o fazer poético, Octavio Paz (1984) destaca que:

[...] a experiência do poema— sua recriação através da leitura ou da recitação — também ostenta uma desconcertante pluralidade e heterogênea. Quase sempre a leitura se apresenta como a revelação de algo alheio à poesia propriamente dita.” (Paz, 1984, p. 28).

Nessa perspectiva, o poema deixa de ter caráter individual e passa a ser coletivo, uma vez que, no caso específico de *Os Canhões do Silêncio*, a partir das imagens poéticas, os leitores são tocados pelo sentimento de pertencimento ou pela cidade evidenciada aos habitantes do lugar ou por leitores que são conectados à sua cidade, por meio da expressão poética, passíveis de acionar recordações de seus próprios espaços de pertencimento. Além disso, o poema pode levar o coletivo a se identificar com histórias, mesmo sem tê-las vivido.

José Chagas foi uma pessoa comprometida com o exercício pleno da sua cidadania, de modo que suas obras refletem suas preocupações com diversas questões políticas, civis e sociais. O escritor fez uso de diversos recursos que lhe permitiram criticar a maneira como o desenvolvimento da cidade de São Luís vem sendo conduzido, e que pode ocasionar o precipitar o fim de uma boa parte da

história do local. Por essa lógica, Nascimento (2014) ressalta o seguinte sobre as obras do autor:

[...] não é somente literária, mas cultural, social, histórica e geográfica, em seu viés humanista, pois ao falar da cidade, enquanto lugar do poeta, falamos, essencialmente, da cidade como lugar do homem. Logo, os textos não falam somente da época em que foram escritos, mas das problemáticas que lhes deram causa e são perenes. Ainda que nascidos em determinado contexto, permitem a discussão de temas e assuntos universais, porquanto existenciais e contemporâneos (Nascimento, 2014, p. 20).

O poeta é responsável por materializar o conteúdo que expõe ao mundo, para o qual é permitido e até necessário que utilize recursos variados, pois os gêneros literários não são rígidos e inflexíveis, mas sim, um meio de expressão do autor. Outro aspecto que pode ser observado na escrita do autor é a ligação entre o tempo e as memórias, para agregar características próprias aos seus personagens.

Destarte, a relação entre memória e tempo se estabelece a partir da compreensão de que a memória é uma faculdade humana, à qual se atém à apreensão do “antes” vivenciado pelo indivíduo e posteriormente armazenando essa experiência podendo acessá-la quando necessário (Zilberman, 2006).

Celestino, Nascimento e Carreira (2016) acrescentam que a escrita de José Chagas é única e possui ritos e normas que a caracterizam. Nesse sentido, os autores Alves e Costa (2018, pág. 48) destacam a fluidez com que José Chagas aborda diferentes assuntos, ao afirmarem que “[...] embora seja mais conhecido por suas abordagens voltadas para o tempo e a cidade, também se dedicou a demonstrar que a poesia pode ser uma arma útil na luta pela preservação do planeta e da própria espécie humana”.

A subjetividade é o marco da conexão do leitor com a obra de José Chagas, e o seu guia pela experiência. Como descrito por Rubens Pereyr, “o poema é o espaço de um encontro. O acesso a esse espaço-passagem do estado normal ao estado lírico-pressupõe um instante de mistérios, como por exemplo, a passagem” do sono para a vigília (Pereyr, 2000, p. 22).

Nesse sentido, a obra de Chagas possibilita adentrar em um universo único e particular, capaz de transbordar os enlaces da memória e atribuir significados às palavras. Percepções, sentidos e sentimentos são ativados, tornando singular a

experiência do leitor, na qual o indivíduo pode ser visto como um espectador ou parte daquele universo.

No que tange aos aspectos estruturais de *Os Canhões do Silêncio*, observa-se que o autor não utiliza do mesmo padrão ao longo do poema, o que o torna rico e variável, e a linguagem fluida, tal qual, exprime fatos, emoções, e a beleza que aflora por trás das diferentes combinações e jogos de palavras. Assim, *Os Canhões do Silêncio* apresenta em sua composição estrofes variáveis, ora dístico, tercetos, quartetos e estrofes irregulares. Quanto aos tipos de versos, Chagas os alterna em quadras de 5 sílabas, decassílabos ou alexandrinos; em outras, versos livres e brancos.

O poeta preserva e explora memórias individuais e coletivas, de modo que possibilita ao leitor acessar e compreender experiências passadas e culturas. Nesse sentido, a literatura desempenha um papel fundamental na preservação da memória da cidade, eventos e experiências.

Miranda (2015, p. 52) afirma que “descobrimos que na poesia de José Chagas há uma meditação sobre a temporalidade humana, no sentido da morte, de Deus, do mundo”. Para ele, a produção de Chagas possibilita aprofundar conhecimentos sobre a existência humana, acrescenta, ainda, o autor que “nos dedicamos à obra *Os Canhões do Silêncio* de José Chagas e tentamos pensar a ideia da temporalidade, pois o costumeiro, na filosofia é ir atrás de Santo Agostinho, de Heidegger e Bergson”. O citado estudioso também faz o seguinte questionamento: “Mas por que não pensar o tempo ao lado de José Chagas que é um pensador-poeta?”. No recorte, é possível refletir sobre a escrita dele e destacar que os elementos tempo e memória são fundamentais para passar a mensagem pretendida pelo escritor.

Dessa forma, tanto na obra *Os Canhões do Silêncio* como ao longo da trajetória literária de José Chagas, pode ser observado a incorporação de diversos temas, os quais o autor explora.

O autor tem uma escrita forte e marcante, que evidencia seus ideais e a sua maneira de enxergar o mundo. Suas obras proporcionam reflexões e críticas sobre a sociedade. Assim, o escritor não se limita a um único estilo, uma vez que transita calmamente entre a literatura popular e a erudita. Seu trabalho sempre se volta ao local de uma grande fonte de inspiração: São Luís, cidade protagonista de várias obras, com destaque para *Os Canhões do Silêncio* que apresenta as memórias

nostálgicas de lugares que expressam a passagem do tempo. Nascimento (2014, p. 19) acrescenta o seguinte:

Na obra de Chagas, o cenário que se erige e representa São Luís surge da relação conflituosa que o autor experimenta entre a permanência do antigo – o patrimônio colonial, que pertence ao mundo e por isso deveria ser preservado, e o moderno – causador do caos, essencialmente, por conta da especulação imobiliária que se concentra em outras áreas, aliando-se ao pouco caso dos administradores e políticos com o bem público. Embora o seu tempo seja o agora, a obra de Chagas canta o passado que o move por conta da decepção experimentada com o boom urbanístico que ameaça o desaparecimento da cidade histórica. O novo, que surge alinhado à pretensa modernização, se faz perceber quando ele critica o descompromisso da administração pública e empresarial para com a cidade colonial (Nascimento, 2014, p. 19).

Complementando o pressuposto, Octavio Paz (1984, p. 31) cita que [...] o poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. “A poesia não é nada senão tempo, ritmo e perpetuamente criador”. Ao adentrar os escritos de José Chagas o leitor se depara com um local em espaço físico e poético de rememoração, um encontro entre passado e presente, em que o tempo e o espaço se tornam algo indissociável, mas que têm como guia da sua apresentação a subjetividade do eu lírico.

Nascimento (2014, p. 21) traz ainda um questionamento e uma resposta direta sobre o assunto: “[...] o passado histórico colonial de São Luís tem sido, de fato, um patrimônio de cultura para a humanidade, para os maranhenses? Parece que não [...]”, fica claro aqui:

Em toda a extensão do centro histórico, seus centenários sobrados falam de tempos gloriosos, mas são esquecidos e abandonados, traduzindo a imagem da decadência, da beleza destruída pelo homem e pelo tempo (Nascimento, 2014, p. 21).

A visão do autor José Chagas é de uma acurácia tão grande que possibilita que ele seja tomado como base para diversos estudos. Sobre isso, Paz (1984, p. 21) diz o seguinte: “o caráter irrepetível e único do poema é compartilhado para outras obras: quadros, esculturas, sonatas, danças, monumentos. A todas elas são aplicáveis a distinção entre poema e utensílio, estilo e criação”.

A escrita de José Chagas sobre a cidade de São Luís permite que os leitores que nunca conheceram a cidade possam vivenciar experiências com diferentes passagens de tempos outros. Nesse ponto, Araujo e Santos (2018) afirmam que, em

Os Canhões do Silêncio, a cidade antiga e a moderna dialogam, provocando sentimentos e sensações em uma dialética contínua.

A obra retrata aspectos que remetem ao passado da cidade de São Luís, de forma que aproxima o autor da história que está sendo contada. A partir de leituras prévias, das críticas e das informações que englobam a obra de José Chagas foi possível compreender mais sobre o estilo e temas recorrentes na sua produção poética, sendo a cidade de São Luís considerada o universo literário do autor. Nesse sentido, inicia-se a análise do livro *Os Canhões do Silêncio* com foco nas memórias da referida cidade.

4.2 A poética do tempo e da memória em *Os Canhões do Silêncio*

Adentrar a obra *Os Canhões do Silêncio* é estar diante de imagens poéticas que refletem sobre experiências memorialísticas. Nesse contexto, a poética do tempo em Chagas ou, mais especificamente, sua escrita memorialística é o início, meio e fim de algo fluido, lançado ao eterno que se pode acessar, no caso da obra em questão, por meio do mirante. O escritor se utiliza do sentido da visão para ativar um conjunto de imagens que provocam, nele, memórias diversas.

Para Porto (2011), os textos memorialísticos são capazes de explorar os aspectos entre existência, resistência e esquecimento. *Kairós* é o termo que descreve sobre a poética do tempo, mais precisamente é o tempo narrado através da memória, um mergulho na eternidade, um estado constante de mudança. Escrever sobre lembranças é criar complementos para que aquilo que está sendo relatado faça sentido, uma vez que há uma linha tênue entre lembrar e esquecer. Para Jung (2010) *Kairós*, também é o termo para representar o tempo oportuno em que as coisas devem acontecer, representando o significado da cronicidade das coisas.

Na obra *Os Canhões do Silêncio*, o autor inicia sua escrita instigando e convidando o leitor a romper seus conceitos de tempo e espaço, partindo do local e do momento em que está inserido, permitindo-se mergulhar no contexto do qual o livro foi escrito, para assim, vivenciar uma imersão nos sentimentos e ideias ali contidos. Vejamos:

Para começar

quebrems a louça do tempo
e o cristal do que sobra azul
contra um céu inexato

(Chagas, 2002, p. 39)

Nesse ponto, o trecho destacado evidencia a intenção do eu lírico de retornar a um tempo pretérito, o qual só pode ser revisitado através de uma ruptura com o presente. Logo, não segue uma ordem cronológica crescente e sim regressa ao passado, o que permite ao sujeito poético visitar diferentes momentos e paisagens.

A poesia que tematiza o tempo pode expressar a saudade de um lugar específico, a perda de um objeto de alguém ou do vigor da juventude, sendo possível retroceder via memória. O tempo é fluido e carrega o vivido sem possibilidade de retrocesso, mas a memória pode reacender pequenos detalhes do vivido.

Assim, como na obra *“Os Canhões do Silêncio”* que faz referência à passagem do tempo na cidade de São Luís [em que o autor descreve as sutis mudanças ocorridas ao longo do tempo e o sentimento de saudade experienciado por ele [ao se lembrar dos detalhes e sensações], o tempo é um elemento importante para construção e apreciação da memória.

Santos (2020, p. 116) discorre que “[...] a relação entre paisagem e sujeito vai além do visível, pois ela insinua diversas imagens pretéritas. O olhar induz a memória, possibilitando ao observador ir muito além do que a paisagem exterior projeta”. É algo que vem do exterior para o interior, como se visão e sentimentos tivessem interligados, a paisagem passa a ser única e especial, capaz de provocar devaneio naquele que se sente ligado a ela. Sobre o início da obra *Os canhões do silêncio*, Araujo e Santos (2018) asseveram que

O eu lírico principia a construção poética dizendo que a ‘louça do tempo’ deve ser quebrada. Dessa maneira, coloca em questão o tempo objetivo, o qual se instaura como absoluto. É Cronos (Κρόνος) que a tudo devora, sendo senhor soberano do homem. No entanto, há um outro tempo o qual flui no interior do ser, o subjetivo: das recordações, dos sonhos, dos desejos e das vontades (Araujo; Santos, 2018, p. 105).

O tempo é soberano sobre o homem, estando o ser humano sujeito às transformações que ele causa, uma vez que ele pode alterar o exterior completamente. O fascínio que o homem tem em relação ao tempo é frequentemente expresso nas mais variadas formas de arte.

Torna-se claro que o tempo é uma força incontornável e constante na vida, porém é incapaz de influenciar por si só o espaço-tempo interior de cada pessoa, principalmente no que se refere à modificação de fatos já ocorridos. É neste ponto que o sujeito poético de *Os Canhões do Silêncio* deseja se desvencilhar das imposições do tempo, correndo livremente entre um momento e outro, sem o peso de uma cronologia previamente estabelecida.

Para Araujo e Santos (2018, p. 113), “o tempo que predomina na obra não é o cronológico, o eu poemático quebra “a louça do tempo” objetivo e cria a temporalidade subjetiva, onde a existência flui mais lentamente”. Nesse ponto, “quebrar a louça do tempo” significa que o eu poético ignora a passagem dele e contar sua história sem a influência de seu peso sobre a existência. Ao usar tal expressão, ele também dá a ideia de que irá romper a realidade e criar uma nova, sentindo-se livre para estabelecer uma ordem temporal que faça sentido.

É válido destacar que tempo, memória e espaço caminham juntos, pois, às vezes, por meio de uma relação tensa de busca de reconstrução da via literária, romperá com a dimensão dos fatos apresentados pela história oficial. Por exemplo, a relação tencionada ocorre quando as lembranças se recompõem, ou se realizam pesquisas sobre guerras, vida cotidiana, movimentos étnicos, atividades culturais, conflitos ideológicos, embates políticos, lutas pelo poder. Atua, por vezes, transformando ou reafirmando o significado do passado. Sem nenhuma previsibilidade do que virá a ser, o tempo, contudo, projeta utopias e desenha com as cores do presente, tonalizadas pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado (Delgado, 2009, p. 10).

O emaranhado que se forma a partir dos elementos memória, espaço, tempo não pode ser simplesmente separado, pois eles se interligam de maneira a moldar a forma como uma narrativa é repassada, em que a exclusão ou adição de um outro componente pode impactar o desfecho do relato.

Uma vez que a barreira temporal é ultrapassada e o eu lírico adquire liberdade para descrever suas histórias através de lembranças de lugares, momentos passados e paisagens que vivenciou, ele relaciona o tempo e as

memórias ao divino, onde é visto que o mesmo tece suas reflexões sobre a vida e faz uma alusão ao cristianismo, se referindo a última ceia, momento em que os apóstolos se reuniram com seu mestre uma última vez antes que chegasse o tempo em que aquele tipo de reunião já não seria possível, compartilhando alimentos e estando em comunhão.

No fragmento abaixo, o sujeito poético instiga o leitor a exercitar sua imaginação, misturando elementos concretos e abstratos, fazendo com que seja possível visualizar a descrição dada por ele. O texto também traz aspectos que fazem referência à religiosidade.

A cozinha do sonho
 está agora aberta
 à vida e ao preparo
 da última ceia
 a que estarão presentes
 os sós
 os que comerão e beberão
 do próprio corpo
 do próprio sangue
 e esquecerão os ossos
 como se eles não fossem a substância maior do que nós somos

(Chagas, 2002, p. 39)

A abertura da cozinha do sonho remete a trazer à luz da consciência aquilo que não é frequentemente visitado ou lembrado, indicando a formação de vida nova através das lembranças dos “sós”, ou seja, dos fragmentos do passado, os quais caminham juntos com os acontecimentos do presente em uma “última ceia” em que cada um poderá se alimentar de suas próprias convicções, sobre a história do lugar, quebrando os laços cronológicos da divindade “tempo”, transformando cada “só” em seu próprio deus onipotente. A comunhão passa a ser, entre os seres, o passado e o presente.

Assim, Paz (1984, p. 31) afirma que um poema é “[...] via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é nada senão tempo, ritmo perpetuamente criador”. Macêdo e Figueiredo (2015) acrescentam que

Os marcadores para visualizar o tempo são convenções dialógicas e não arbitrariedades orgânicas; ou seja, o tempo passa para o corpo, mas a experiência de passagem de tempo é um ato de produção de sentidos discursivos; construída e vivida discursivamente (Macêdo; Figueiredo, 2015, p. 124).

A associação entre aquilo que é divino e o que é imperfeito e humano é um contraste que concede ao poema um tom, muitas vezes, melancólico, e que exala a solidão da qual o eu poético é cercado, onde o mesmo critica a divergência existente entre as memórias e a história, expressando a angústia do eu poético ao mencionar que “esquecerão os ossos como se eles não fossem a substância maior do que nós somos”, ou seja, traz um questionamento implícito sobre o malefício do esquecimento seletivo de determinados fatos. Sobre isso, a autora acrescenta:

[...] entre registros de pedra, de papel e reminiscências, o tal passado a recuperar é, na verdade, somente acessível pelo esforço da imaginação, uma vez que se trata de uma experiência que se passou no tempo do já acontecido ou para muito além deste, por fora da experiência do vivido. A objetividade deste tempo escoado só se tornará presente, para o historiador e para o leitor, através de uma operação mental e subjetiva, onde discursos e imagens dotados de sentido realizarão esta operação de reconfigurar uma temporalidade. Mas, mesmo assim, a história se propõe como uma inscrição duradoura no tempo, a fixar os acontecimentos pela narrativa escrita e a dotá-los de permanência, no plano da coerência de um enredo e da atribuição de significados. E é neste intento que a memória, como marca de historicidade, traz para o campo da história um importante elemento: o testemunho. Aquele que rememora carrega consigo o pequeno milagre e a alegria do reconhecimento [...] (Pesavento, 2020, p. 209).

A história é escrita por alguém que testemunhou experiências e por meio da rememoração as transcreve para o papel, impedindo que o esquecimento as apague, passando-as de passageiras para permanentes. Por meio de sua criatividade, convida os sujeitos-leitores a se reconhecerem em suas palavras e se sentirem participantes daquele momento descrito.

A expressão da passagem do tempo é uma fonte inesgotável para os autores que se apoderam de suas variadas formas para escrever e criar seus enredos. Macêdo e Figueiredo (2015, p. 125) afirmam que “não há homogeneidade na configuração do cronotopo, uma vez que precisamos estar sempre atentos às “leis” que regem a experiência de tempo-espço no texto”. Nesse ponto, o uso do tempo na escrita pode proporcionar diferentes efeitos sobre o leitor, desde sentimentos positivos a medo e angústia, a depender da forma como um texto é escrito, sendo uma ferramenta importante para os autores.

4.3 A cidade: memórias reavivadas em *Os Canhões do Silêncio*

Através dos seus registros literários, Chagas eterniza a saudosa cidade de São Luís preservando parte da história coletiva e de seu cotidiano. Por meio da linguagem poética, ele expressa toda emoção e fulgor da cidade, a partir das suas primeiras impressões e experiências ao abraçar São Luís como o seu verdadeiro lar.

Além disso, dentro do universo literário de José Chagas, o eu lírico trabalha e modela com fluidez a passagem do tempo e a memória sob a ótica do lugar, que

são guardados por um novo elemento, o silêncio, que se torna responsável por vigiar a cidade.

Mas o silêncio trabalha a cidade
e a recolhe como coisa sua

O silêncio aqui não é resto
é o todo de que o bairro
é uma fração
esquecida de seu inteiro

Moro entre nuvens e torres
e chovo sobre cumeeiras
minha natureza líquida
meu inverno humano
meu verão de sonho

(Chagas, 2002, p. 40)

Figura 02: Bairro do Desterro – São Luís-MA.



Fonte: https://www.facebook.com/slzmemoira/photos/a.1412377072398352/1495782074057851/?type=3&locale=pt_BR

O eu lírico metaforiza sentimentos contraditórios de esplendor e miséria, evidenciando que o tempo é silencioso, consumindo e corroendo as coisas de dentro para fora. As pessoas, lugares, cidades são alterados diariamente de forma sigilosa, em que as mudanças não são percebidas até que se passe um longo período.

Nessa lógica, o sujeito poético discorre que o tempo desgastou a graciosidade das construções do bairro, que se torna perceptível no trecho “mas o silêncio trabalha a cidade/e a recolhe como coisa sua”, mostrando o descontentamento do eu lírico com a forma que o tempo tratou o local, realizando uma associação entre o silêncio e o esquecimento.

A personificação do silêncio cobre todo o bairro e derrama sobre ele seu

“inverno humano”, ou seja, seu tratamento frio e o descaso com a situação do local, ao mesmo tempo em que o bairro também é coberto com seu “verão de sonho” ou esperança de que retorne a sua glória.

De maneira simultânea, ao mesmo tempo que descreve o local, ele se mostra triste, utilizando a chuva e o verso “minha natureza líquida” para representar suas lágrimas. Ao mesmo tempo em que o eu poético exalta a cidade, se declara como parte dela. Suas impressões e sentimentos sobre a deterioração do espaço, provavelmente seja compartilhada com os habitantes do lugar. Assim, pode-se dizer que ele dá voz à comunidade. Acerca disso, Paz (1984, p. 50) afirma que

O poema é mediação entre a sociedade e aquilo que a funda. [...] O poeta, ao contrário, opera de baixo para cima: da linguagem de sua comunidade para a do poema. Em seguida, a obra regressa às suas fontes e se torna objeto de comunhão. A relação entre o poeta e seu povo é orgânica e espontânea (Paz, 1984, p. 50).

O eu poético se inspira na comunidade e devolve a ela um produto em forma de afinidade, identificação e até auxílio para a busca por mudanças, utilizando seu reconhecimento para a melhoria do lugar, por conseguinte, da cidade. Logo o poeta expõe seus incômodos que provocam discussões e reflexões sobre a construção social (Tavares, 2009, p. 173).

O ambiente e a forma como ouvimos e enxergamos as coisas, os objetos, os seres animados e inanimados que nos cercam são gravados na mente como fotografias que podem ser vistas de várias e repetidas vezes.

Dessarte, o eu lírico adentra as memórias do bairro, utilizando da descrição arquitetônica para enfatizar a situação atual precária do lugar. Ao passo que dialoga com duas realidades antagonistas, o passado de esplendor e um presente de deterioração, que revela a passagem do tempo no local, é possível reconhecer sua insatisfação com o abandono do local, conforme visto também na figura 3.

Semente de memória
cai entre os azulejos partidos

(e o bairro diz
por sua boca
que São Luís
é cheia e oca)

o espaço rodeia longe
o seu azul completo
a bacia do vício
entorna a madrugada

(e o bairro sonha
que a noite incalma
ronda tristonha
a sua alma)
(Chagas, 2002, pág. 44)

Figura 03: Bairro Desterro



Fonte: <https://redeglobo.globo.com/ma/tvmirante/noticia/bairro-desterro-em-sao-luis-e-destaque-no-reporter-mirante-1.ghtml>

No trecho acima citado, o eu lírico evoca diferentes perspectivas. A “semente de memórias cai entre azulejos partidos”, retratando que a situação arquitetônica atual origina nele lembranças, ao mesmo tempo que infere que seriam estas a produção de novas memórias, que se formam dia após dias e enriquecem e complementam a história do lugar, apesar da deterioração dos elementos que compõem a memória do lugar. Acerca do bairro do Desterro, Araujo e Santos (2018) afirmam que

O Desterro é imortalizado em *Os Canhões do Silêncio* em virtude do seu inestimável valor histórico, cultural e social. Desse modo, ele se desmaterializa fisicamente e se reconstrói poeticamente, num processo em que objeto e palavra se comunicam, interagem e se fazem poesia (Araujo; Santos, 2018, p. 112).

Mesmo decaído e estando em condições precárias, o bairro não perde seu valor e ainda serve de inspiração. Enquanto tudo ao redor desmorona e vai ganhando novos traços, as memórias do que um dia ali foi ressurgem com significados que não podem ser destruídos, mas podem ser colocados em forma de poesia. O trecho “Semente de memória cai entre os azulejos partidos” remete a tentativa das memórias de sobreviverem e se perpetuar independentemente da ação do tempo.

No que tange à poética da memória, pode-se referenciá-la como a ação de criação com significações, a partir desse ato surge a criação de palavras polissêmicas, plurais e de múltiplos sentidos a serem adotados e utilizados para reproduzi-la, seja como recitação, leitura ou adição (Vieira, 2011).

Além disso, pode-se considerar uma alusão à beleza e a riquezas culturais esquecidas de São Luís, e à necessidade de preservação de um dos marcos centrais da cidade, os diversos casarões, que resistem à passagem do tempo e revelam uma memória de uma vida outrora, na qual nomeou a cidade de “Atenas brasileira”.

Ao declarar, “e o bairro diz por sua boca que São Luís é cheia e oca”, o autor incita os questionamentos entre termos opostos contidos na frase, trazendo a questão do existencialismo e metafísica, que podem ser observados também no decorrer da obra, uma vez que promove a articulação indireta de uma dualidade sobre o pertencimento do ser a algo ou algum lugar, elevando ainda a um cenário ambíguo e em constante transformação, além de relacionar a elementos da tríade da metafísica que exaltam a relação entre o homem, a natureza e Deus.

Em *Os Canhões do Silêncio*, tem-se a rememoração de diferentes lugares e marcos da cidade que acende a uma memória de um tempo há muito vivido, ao mesmo instante que colide com o tempo atual em diferentes contextos da vida contemporânea acelerada, volátil e segmentada. O que vê o eu lírico sobre a cidade? A história? A cultura? O passado marcado de momentos entre glória e desventuras? E ao cair da noite quando a cidade se acalma e o silêncio se apossa?

Cheio e oco depende da ótica que se aprecia ou observa, de quem aprecia e depende da significação a ela atribuída.

Com base na proposição, Octávio Paz (1984) infere sobre a singularidade a atribuída às obras literárias descrevendo que o seguinte:

E todas as obras desembocam na significação; aquilo que o homem toca se tingem de intencionalidade: é um ir em direção a... O mundo do homem é o mundo do sentido. Tolerar a ambiguidade, a contradição, a loucura ou a confusão, não a carência de sentido. O próprio silêncio está povoado de signos. Assim, a disposição dos edifícios e suas proporções obedecem a uma certa intenção (Paz, 1984, p. 23).

O eu lírico utiliza um elemento chave para contemplação da significação, ao se aproveitar de palavras que permitem a livre imaginação das cenas e questionamentos diante de qual seria a realidade vivida ou observada. No decorrer da obra, diferentes sentimentos podem ser evocados e explorados, desde a saudade, a alegria, a tristeza, até o medo. Esses últimos podem ser experienciados diante, por exemplo, dos versos “bacia do vício, entorna a madrugada” ou “noite incalma ronda tristonha a sua alma” provocações essas que retornam a “São uís é cheia e oca”.

Ao passo em que se pode visualizar as mazelas decorrentes da vida noturna agitada, libertina e corriqueira, também se tem o vazio e o esquecimento atrelados às mudanças sociais e históricas do próprio sentido de pertencimento ou da ausência dele.

De fato, a significação poética é o elemento primordial para sua contemplação, é o que dá forma e molda a experiência do ser poético, sendo capaz de se modificar aos olhos e ao mundo de quem os aprecia.

Desta forma, em *Os Canhões do Silêncio* também pode ser explorado o contraste existente sobre a beleza e a glória contidas nos primórdios do Bairro do Desterro, bem como sua significativa decadência posteriormente.

O bairro passou por várias transformações e foi palco de muitos acontecimentos, tal como a guerra entre portugueses católicos e holandeses protestantes no processo de expansão marítima, territorial e comercial [...] (Araújo; Santos, 2018, p. 11).

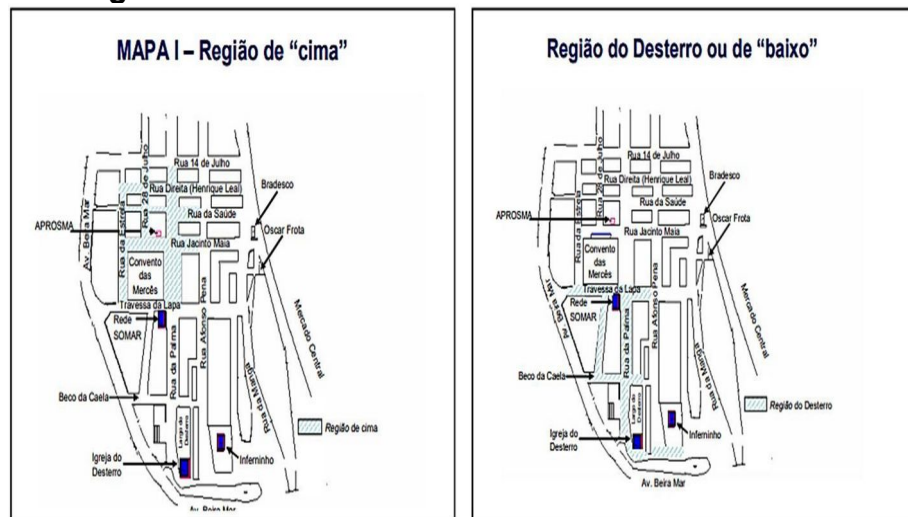
O bairro guarda muitas histórias sobre o desenvolvimento da cidade de São Luís, sendo testemunha da ação humana e da mão do tempo na localidade. Apesar

de sua importância histórica, cultural e afetiva para o mundo e para os habitantes, alguns pontos da cidade, como o Bairro Desterro, sofrem com o descaso e abandono do poder público e de parte da população.

José Chagas também abre espaço para críticas e para revelar a realidade atual, “o espaço rodeia longe/ a bacia do vício entorna a madrugada/ que a noite encalma ronda tristonha a sua alma”, promovendo uma reflexão sobre uma outra faceta do bairro do desterro.

Ferreira (2008) descreve que desde as décadas de cinquenta a oitenta, o Bairro do Desterro tinha uma localidade chamada de Zona do Baixo Meretrício, um local para atividade de prostituição. Com o tempo, a existência dessa zona provocou uma segregação no Bairro do Desterro, onde a região da zona foi considerada a parte de “cima” e a outra a do Desterro, sendo viva na memória dos moradores de cima como parte de uma história na qual todos são figuras importantes para o Centro Histórico de São Luís; por outro lado, é visto, pelos moradores do Desterro, como a parte sombria, perigosa, que deve ser evitada, palco de prostituição, drogas e criminalidade.

Figura 04. Divisão do Bairro Desterro



Fonte: Ferreira (2008)

Essas diferentes percepções demonstram como a experiência e produção da memória individual e coletiva estão atreladas, e como elas influenciam a percepção de mundo e a realidade na qual o indivíduo está inserido. Mesmo compartilhando de um mesmo ambiente a subjetividade dará os sinais e estímulos

diferentes que resultaram na vivência única e significativa a cada um. Diante disso, Halbwachs (1950) afirma que

[...] não existe memória universal. Toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo. Não se pode concentrar em único quadro a totalidade dos acontecimentos passados senão na condição de desligá-los da memória do grupo que deles guardavam a lembrança, romper as amarras pelas quais participavam da vida psicológica dos meios sociais onde aconteceram, de não manter deles senão um esquema cronológico e espacial. Não se trata mais de revivê-los em sua realidade, porém de realocá-los dentro dos quadros nos quais a história dispõe dos acontecimentos, quadros que permanecem exteriores aos grupos, si mesmo, e defini-los, confrontando uns aos outros (Halbwachs, 1950, p. 85).

Por isso, *Os Canhões do Silêncio* propicia, não apenas uma viagem ao passado, mas também, um processo de autoconhecimento diante das vivências positivas e negativas ampliadas na observância de um espectro individual e coletivo de ser e pertencer a algum lugar.

Nesse aspecto, em sua obra, José Chagas utiliza paisagens como um elemento primordial que constitui a própria narrativa, enquanto o eu lírico discorre com melancolia que escolheu a localidade como seu lar e, por mais que haja problemas, não poderia ir embora definitivamente.

Para Collot (2013), a paisagem não é somente vista, mas também observada por meio de outros sentidos que enriquecem a extensão subjetiva do espaço, como consequência, os valores afetivos dedicados à paisagem se tornam exteriores e interiores. Observa-se que o próprio hino da cidade, discorre sobre a importância das paisagens:

Ó minha cidade
Deixa-me viver
que eu quero aprender
tua poesia
sol e maresia
lendas e mistérios
luar das serestas
e o azul de teus dias

Quero ouvir à noite
tambores do Congo
gemendo e cantando
dores e saudades
A evocar martírios
lágrimas, açoites

que floriram claros
sóis da liberdade

Quero ler nas ruas
fontes, cantarias
torres e mirantes
igrejas, sobrados
nas lentas ladeiras
que sobem angústias
sonhos do futuro
glórias do passado
(Bandeira Tribuzzi, 1977).

O hino evidencia a beleza e a cultura de São Luís, sem deixar de lado o sofrimento que outrora marcou a construção do local, expressando o desejo de um futuro melhor e mencionando as glórias do passado. Fazendo uma comparação entre o hino e a obra *Os Canhões do Silêncio*, pode-se perceber que José Chagas também utiliza paisagens para repassar sentimentos, pois a cidade em si é uma paisagem cultural para o eu lírico, uma vez que ela sofre intervenções humanas.

Dito isso, Gomes (2015) destaca que existem diversas formas de se observar o conjunto de uma cidade como um todo, examinando a relação entre os elementos que compõem a área urbana. Uma forma de olhá-la distante e diretamente é através dos mirantes.

Nessa perspectiva, o mirante é apresentado como um lugar poético, onde ele pode se sentir livre e colocar em palavras suas concepções afetivas, no qual estar presente nesse local traz para ele inspiração e liberdade para sua imaginação, pensamentos e reflexão:

O tempo se torna espaço
que se fecha no mirante.
Vou ficando enquanto passo,
prisioneiro e errante.

Vou para longe de tudo,
sem deixar de ficar perto,
percorro o mundo e, contudo,
não saio de meu deserto.

E onde quer que eu me fosse,
seria aqui meu abrigo:
o destino não me trouxe,
fui eu que o trouxe comigo.
(Chagas, 2002, p. 51)

Figura 05: Casa com mirante em São Luís



Fonte: <https://jornalcazumba.blogspot.com/2011/08/um-novo-olhar-sobre-os-mirantes-de-sao.html>

O eu lírico descreve o mirante como um tempo-espaço, reunindo essas duas concepções como se fossem um só, ao destacar em verso, “o tempo se torna espaço, que se fecha no mirante”, a ideia de ambos como uma forma simultânea, na qual, o local sente a passagem do tempo, sofrendo variações de acordo com o avanço dele, servindo como marcador de acontecimentos e um indicador entre o passado e o presente.

Além disso, tem-se a representação dos mirantes considerados locais primordiais dentro da composição urbana, sendo eficientes para fazer uso da contemplação, uma vez que concedem observar a metamorfose da paisagem ao longo dos anos (Andrade; Garrocini, 2015).

Como diz Araújo e Santos (2018, p. 107), “o espaço guarda o tempo dos antepassados. Cada marca, raladura ou arranhão são linguagens que comunicam vivências”. Então, assim como guarda o tempo dos antepassados, o mirante também preserva as vivências e os sentimentos do eu lírico. Demonstrando seu apego com o local, ele se caracteriza de maneira antagônica ao se dizer “prisioneiro e errante”, dado que, ao mesmo tempo que se sente vagando entre um local e outro, ele sempre volta ao mirante, sem conseguir abandoná-lo, sentindo-se preso e atraído por aquele espaço, pois ali ele se entende parte de algo.

Sendo um local elevado com vista panorâmica, o mirante permite enxergar até onde os olhos possam alcançar, com isso, ao contemplar sua cidade, o autor se

sente confortável e em paz, gerando nele reflexões e uma magnífica viagem ao longo da própria vida. Desse modo, ele tem o mirante como um local que o garante reviver memórias ao observar a cidade e suas paisagens, mesmo não saindo do local, ele consegue ter recordações vivenciadas mundo afora. Ao expressar “meu deserto”, o eu lírico mostra o sentir pertencido ao local e se refere ao abandono e solidão do bairro habitado por ele. Sobre o sentimento de pertencer, Andrade (2017, p. 600) faz a seguinte reflexão:

Quando nos referimos a “sentimento de pertencimento e afetividade”, entendemos “pertencer” como fazer parte de alguma coisa, ter relação com; e “afeiçoar”, estima, consideração. O sentimento de pertencimento implica, portanto, manter vínculo com um determinado lugar, grupo, história. E a afeição se vale do sentimento de apego por alguém ou algo, afeiçoamento, que também pode ser entendido como relação, conexão (Andrade, 2017, p. 600).

Durante toda a extensão do poema é facilmente perceptível a relação de admiração e conexão do eu lírico com o espaço que lhe serve de inspiração, e principalmente com a paisagem que ele já conheceu um dia, gerando também uma sensação muito forte de nostalgia com aquilo que a cidade era e com as vivências que anos atrás ele teve ali.

O poeta manifesta nos versos os laços de afetividade com o lugar, expondo seu sentimento de acolhimento, amparo e segurança ao chamá-lo de “abrigo”, considerando-o seu lar, tendo grande significado para sua vida. Para ele, a constituição do lugar e do seu “eu” são indissociáveis, inseparáveis, um faz parte do outro.

Em razão da grande importância que a cidade de São Luís tem para o autor, ele faz questão de demonstrar em vários trechos sua inquietude com o esquecimento que a assola. Isso posto, em outra parte, o elemento “silêncio” mais uma vez é destacado:

Aqui o silêncio é tecido
de fios de falas e de palavras
que se fizeram nuvens
Do mirante se vê o silêncio
pairando branco
sobre a cidade
carregado de história
(Chagas, 2002, p. 55)

Aqui é possível perceber que ao silêncio é atribuída uma sonoridade que lhe foi destinada a partir das muitas ocorrências vivenciadas na cidade e pela cidade ao longo do tempo e que foram esquecidas e dissipadas da mente das pessoas, transformando-o em algo sólido que envolve a cidade como um todo, porém, não é perceptível a todos.

Nesse ponto, o mirante (local que desperta a memória) permite ao eu lírico ver o manto do silêncio que recobre a região e ouvir sua voz através de lembranças, entendendo que o silêncio guarda os segredos da cidade e a história dos mais de 400 anos desde a sua fundação, o que leva o leitor a refletir sobre o que o silêncio deseja expor através do método de lembranças. Por isso ele fala que o silêncio se transformou numa nuvem e que as nuvens estão carregadas de história, dando a ideia de que há muito para se falar, no entanto, nada é dito.

Nesse momento, questiona-se “como se daria este processo na cidade, definida como uma unidade de espaço e tempo, e onde nos propusemos a ver como a história se apropria da memória para recuperar traçados, vivências e materialidades?” (Pesavento, 2020, p. 209).

A resposta que se obtém não vem de forma clara e objetiva, pois a poesia tem o objetivo de permitir que o leitor interprete sobre sua óptica qual aspecto da obra vai analisar, uma vez que o texto é complexo e admite diferentes perspectivas. Nesse sentido, Tavares (2009, p. 176) discorre sobre a relação entre uma obra e o leitor, adicionando que “não se pede aos poetas que pensem, mas que sintam, e o que eles sentem está no poema como virtualidade: se o leitor sente que o poema lhe facilita pensar em determinada coisa, é porque o poema a contém, ou contém o sinal que leva a ela”. Para Araujo e Santos,

O eu poético de *Os Canhões do Silêncio* é inquieto e movente. É o vazio que o movimenta. É um ser em constante procura. Um eu diluído no tempo e no espaço, que segue o fluxo da vida, sempre cambiante, flutuante como o vento, fluido como a água e os gases (Araujo; Santos, 2018, p.108).

Por esse ângulo, é possível fazer associações menos mecânicas entre o tempo, o espaço e as memórias do eu lírico, uma vez que se entende que seus relatos não seguem uma única ordem cronológica e nem são uma sequência

predeterminada, em que o tempo não se repete e sim os personagens principais, como: o mirante, o bairro e a cidade.

Araujo e Santos (2018, p. 113) acrescentam que, “em *Os Canhões do Silêncio*, o mirante constitui-se o lugar do dizer poético. Nele e a partir dele, o sujeito rememora e dá vasão aos sonhos e à imaginação, sendo ressignificadas as lembranças particulares e sociais”.

Os mirantes são descritos como espaços públicos urbanos com grande importância e referência para a arte pública, criando uma representatividade paisagística que evidencia os aspectos dos lugares e facilita sua utilização, tendo também grande marco no aspecto espaço-memória (Andrade; Garrocini, 2015). Ainda sobre a importância do mirante, o eu poético destaca que

Todas as manhãs o mirante
me lança pela janela
uma amostra grátis
de São Luís

A janela me escova os dentes
e o dia me chega à boca
como um fruto novo
que amadurece enquanto
vai sendo comido

Me alimento de tempo
e duro horas inteiras de sonho

duro o espaço
em que me movo
como dentro de um saco
(Chagas, 2002, p. 59)

Figura 06: Exemplo de mirante em São Luís



Fonte: <https://stock.adobe.com/br/images/mirante-de-casarao-antigo-em-sao-luis-ma-uma-testemunha-do-tempo/245409112>

É de bom alvitre destacar que o sujeito poético evidencia que do mirante é possível observar uma parte da cidade, sendo uma rotina contemplar a paisagem, todas as manhãs, pela janela como se fosse uma arte colocada em um quadro, onde olhar através da janela é seu primeiro ato e o faz despertar para viver o dia.

Ele também faz uso da comparação, ao equiparar o “dia” a um “fruto” que amadurece enquanto vai acabando, ou seja, a visão que ele tem do dia vai ficando cada vez melhor à medida que ele passa. O seu alimento se torna o tempo, dando a ele forças, ao passo que o eu lírico imagina o que acontecerá à medida que ele avançar, enquanto ele continua possuindo apenas um pequeno espaço como se estivesse preso.

“Sonho” no trecho destacado pode ser entendido como a busca por esperança de melhorias, ao se deparar com uma imagem tão bonita, pois mesmo que haja um outro lado triste, São Luís não deixa de ser a Atenas brasileira. Ao se colocar sobre diferentes óticas, ele consegue enxergar o esplendor do local e o que ele tem a oferecer.

Os mirantes designam uma condição do olhar sobre o espaço (Gomes, 2015). De acordo com Collot (2013, p. 17), “[...] a noção de paisagem envolve pelo menos três componentes, unidos numa relação complexa: um local, um olhar e uma imagem”, a junção desses três aspectos citados resulta em emoções que podem ser expressas em diferentes formas de manifestações artísticas, umas delas é o poema.

Nesse ponto, os autores Araujo e Santos (2018, p. 108) evidenciam que “o mirante é o lugar poético, a partir do qual o sujeito enuncia sua fala, reconstruindo-

se dentro do tempo subjetivo [...]”. Para obter o efeito desejado, de derramar sobre os leitores as memórias e os sentimentos que aflige e movimenta o sujeito poético, ele não se incomoda em ser contínuo e objetivo, conferindo um caráter muito pessoal à obra que instiga os leitores a buscar variadas interpretações.

Em uma parte do poema, o eu lírico demonstra que se sente comum e pequeno diante da grandeza e profundidade de tudo que acontece na cidade no decorrer do tempo, mostrando que não se sente especial, pelo contrário, se sente só:

Sou um
entre quatrocentos mil
numa cidade
de quatrocentos anos
e tiro da manhã o que me toca
de sol o que me cabe
de ar o que é necessário
para manter-me sentado
sobre lascas de solidão
(Chagas, 2002, p. 60)

Figura 07: Centro histórico de São Luís



Fonte: <https://www.kayak.com.br/S%C3%A3o-Luiz.48350.guide>

No trecho, o eu lírico fala sobre a quantidade de habitantes da cidade de São Luís e seu pequeno tamanho em comparação ao todo que o lugar representa, mostrando que o mesmo retira da cidade o que é necessário para manter sua própria existência em meio a seus sentimentos de solidão que permanecem mesmo com a passagem do tempo, dado que o sujeito poético percebe as mudanças ocorridas, porém, se sente sozinho e incapaz de deter o fluxo das transformações, conseguindo apenas, se responsabilizar pela sua própria subsistência.

Para os estudiosos Araujo e Santos (2018, p. 112), “a passagem do homem pelo bairro é transitória, mas deixa marcas que resistem à inconstância do tempo, registrando-se em sua paisagem: calçadas, ruas, paredes, casarões, mirantes”. Esses registros configuram o mosaico histórico temporal da ação do homem sobre o lugar e vice-versa. Nesse aspecto, considera-se também que à medida que o

homem deixa marcas pelos lugares ao qual percorre, o lugar também deixa marcas no homem, registradas pela memória.

De acordo com Smolka (2000), é o que se pode denominar de “lugares de externalização da memória, a memória nas coisas, nas (manifestações coletivas). São muitos os sentidos de memória, muitos os sentidos de lugares da memória”. Essa ideia remete ao fato da relação profunda entre o homem e o meio, e o que resulta nisso coloca ambos como elementos na passagem do tempo e do significado reproduzidos a eles e evocados quando necessário.

É perceptível que para o autor São Luís é suficiente e provida de tudo o que ele acha necessário para viver, mesmo com os pontos negativos já citados, decorrentes do transcorrer do tempo. Partindo desse princípio, ele enaltece em seu poema sua relação com a cidade:

Nunca uma cidade esteve
Tanto em seu lugar como São Luís

Nunca o espaço e o tempo foram
tão irmãos como
em São Luís

Nunca a geografia segredou
tanto a história
como em São Luís
A cidade é fundada há séculos
e na hora em que ela se chega

pois se improvisa
de quando em vez como
sua brisa
de ar português.

Só o mirante
lhe sabe a glória
de ser constante
e provisória.
(Chagas, 2002, p. 62)

Figura 08: Canhão localizado no Forte Santo Antônio da Barra



Fonte: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/11/22/conheca-o-forte-santo-antonio-da-barra-atracao-turistica-de-sao-luis>. Ghem

O eu lírico exalta a cidade de São Luís e afirma que ela ocupa exatamente o lugar que deveria ocupar, e no momento exato, destacando que a geografia da cidade por si só conta a história da importância de São Luís, cidade que, inicialmente, foi fundada pois sua localização privilegiada a tornava um importante local de defesa contra invasões. Novamente ele se utiliza da díade tempo-espaço ao dizer que na cidade esses dois elementos são considerados “irmãos”, ou seja, são parecidos, uma vez que a passagem do tempo pode ser notada na estrutura física de São Luís, além disso, “irmãos” também podem indicar a relação do tempo-espaço encontrada lá, podendo ser de harmonia ou desavenças, dependendo do ponto de vista a ser observado.

O eu poético também mostra a influência que São Luís recebeu de outros povos, entre eles, o povo português, que pode ser observado até mesmo na arquitetura do centro histórico. Ele ainda chama a cidade de “constante” e “provisória”, tornando-se claro que o ambiente dela é fluido e diversificado, sendo este um traço marcante e que, ao mesmo tempo, permite alterações, resultando em uma experiência totalmente diferente a depender do local visitado ou do horário e época do ano em que se vai à cada localidade. Dessa forma, o mirante é o único que tem observado todas as mudanças ocorridas e testemunha sua mutabilidade cotidiana. Araujo e Santos (2018) corroboram com o exposto ao mencionar que:

No mirante, as marcas temporais reluzem nos azulejos, nas paredes de pedra e cal, nos telhados, fundindo-se com outros espaços da cidade, comunicando o passado, ao tempo em que o atualiza, construindo sentidos do ontem-agora que são percebidos pelo sujeito poético, o qual ressignifica movências no “tempoema” (Araujo; Santos, 2018, p. 113).

Do mirante é possível ter uma visão privilegiada da construção arquitetônica de São Luís e suas mudanças. Ao visualizá-la, o escritor relata seus sentimentos e leva ao pensamento de que a cidade histórica vai aos poucos sendo abandonada e decaindo, em que a narrativa não dar foco apenas aos aspectos positivos de São Luís e sim nos acontecimentos transcorridos no local ao longo do tempo, conferindo angústia e nostalgia ao narrador que, ao se voltar ao passado, experimenta temor em relação ao futuro da cidade (Nascimento, 2014).

A exaltação que o sujeito poético defere a sua cidade está diretamente relacionada ao passado, onde a sua memória revisita outras épocas, uma vez que “a memória contém incomensuráveis potencialidades, destacando-se o fato de trazer consigo a forte marca dos elementos fundadores, além dos elos que conformam as identidades e as relações de poder” (Pesavento, 2020, p. 18). Entretanto, essa exaltação não lhe exige de criticar o modo como há transitoriedade sem preservação no local.

A obra de José Chagas usa de elementos comuns do dia a dia para despertar diferentes lembranças e sentimentos. Sobre isso, Pesavento (2020) relata, em seu trabalho, que são os acontecimentos da vida em comunidade, e as experiências individuais do homem que são considerados sinais exteriores, para estimular o afloramento de lembranças e reminiscências que, posteriormente, formarão o conteúdo do tempo da memória, seja ela, local, comunitária, regional, nacional ou de qualquer outro tipo.

O escritor, em seu poema, rememora e exalta positivas e negativas emoções advindas da contemplação de coisas vindas da natureza, como também de coisas construídas pelo homem dentro da cidade e não preservadas pelo próprio ser humano.

É visto que a partir de conhecimentos sobre os conceitos ligados às memórias, tempo e espaço, é possível adquirir uma nova perspectiva sobre o texto. A linguagem usada no universo literário do autor demonstra nostalgia e concebe uma ligação direta entre o eu poético e a cidade, criando um sentimento de

pertencimento e abrigo seguro no local. Desse modo, torna-se claro a influência que a localidade exerce sobre o sujeito poético e a sua necessidade de narrar o contexto literário, geográfico e social de São Luís, e clamar, mesmo que indiretamente, pela manutenção do lugar (Nascimento, 2014), incorporando que

As crônicas de Chagas falam dessa alma, alma que o encantou, entretanto, suas palavras, mais que de encantamento, denunciam o uso indevido que se faz da cidade, essencialmente, do abandono ao patrimônio histórico-colonial. Por isso, trazemos suas crônicas, especialmente as que têm como tema este patrimônio e suas implicações com o homem e a sociedade. Nesse sentido, demonstramos que, em seus textos, o cronista desenha uma espécie de mapa não apenas histórico, mas a um só tempo literário-geográfico-social, portanto, uma “cartografia poética” de uma época que, apesar de distante, se atualiza nas interpretações e nos vieses evocativos da geografia-humanista, da teoria e da crítica literárias, essencialmente (Nascimento, 2014, p. 74).

A geografia da cidade se propõe a manter viva toda a história que, muitas vezes, não é repassada para as gerações mais novas, perdendo-se nas lembranças dos velhos que acabam sendo ignorados pela mocidade tão ansiosa por avançar no tempo, sem se prender as raízes que permitiram seu surgimento, em que o autor José Chagas frequentemente usa seu universo literário para expor a verdadeira face de São Luís, destacando seus pontos positivos e negativos sem floreios, ou seja, ele se preocupa em mostrar a realidade. Nesse sentido, Pesavento (2020) afirma que

Os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras na tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios análises, emoções, reflexões, testemunhos. São eles sujeitos de visão única, singular, porém integrada aos quadros sociais da memória e da complexa trama da vida (Pesavento, 2020, p. 22).

A partir do exposto, é possível perceber que as narrativas que o autor se propõe a fazer a respeito da cidade são um compromisso pessoal de manter viva as suas memórias e expressar seus sentimentos, ao passo que busca consolidar a história de São Luís através de sua escrita.

No tempo presente, o mundo inteiro vem sendo marcado pela cultura virtual e pela velocidade em que, muitas vezes, as informações vêm sendo alteradas ou descartadas, levando ao fim dos narradores espontâneos, que contam histórias a partir das suas lembranças, no qual a dinâmica desenfreada faz se perderem as

referências, os substratos da vida e reduz as possibilidades de construção do conhecimento (Pesavento, 2020). José Chagas luta contra a parte prejudicial dos avanços tecnológicos e discorre que:

Aqui São Luís me ensina
como montar o passado
e armar a canção menina
sobre um azul desbotado,

Ou erguer sobre a memória
uma barraca de sonho
e fazer que nela more
a paz de um dia risonho.

Como num circo ou num parque
me cerco de fantasias
dependuradas no ar
que apóia nuvens vadias
(Chagas, 2002, p. 64)

Figura 09: Vista do mirante localizado no Edifício João Castelo Ribeiro Gonçalves



Fonte: <https://jpturismo.com.br/um-espaco-para-contemplar-sao-luis/>

Na obra *Os Canhões do Silêncio*, o autor transforma a cidade em um dos personagens principais, destacando a importância de São Luís para traçar o caminho percorrido ao longo dos anos, transformando-se em uma nova história, apesar dos elementos já conhecidos. Ele relata que a urbe possui elementos suficientes para inspirá-lo a criar uma “canção menina”, ou seja, uma nova obra poética “sobre um azul desbotado”, fazendo uma associação a algo que está ficando velho, perdendo sua vivacidade e cor original, assim como a cidade.

O eu lírico discorre que a cidade permite, ainda, guardar memórias de tempos mais felizes, apesar das mudanças ocorridas, armando uma barraca de sonhos sobre as lembranças reais, e se apoiando na própria imaginação para despertar a felicidade que um dia viveu. Dentro da cidade, a memória do sujeito poético lhe permite criar fantasias, fazendo com que ele retorne a outras épocas ao observar o céu da cidade e as nuvens que vagueiam ali.

Ao focar na cidade como o espaço inesgotável da produção da memória, tem-se a percepção mais minuciosa e filosófica sobre ela, visualizando além dos aspectos físicos, e daquilo que pode ser visto e tocado. Andrade (2017, p. 604) ressalta que “[...] lugar é mais que o espaço apreendido e ocupado, localização referenciada, nomeada”. Nesse ponto, a cidade, em *Os Canhões do Silêncio*, é materializada no sentir e na ligação estabelecida entre o eu lírico e o lugar.

Corroborando com o exposto, no que tange à relação do homem com a cidade, o poeta ludovicense, Ferreira Gullar (2004, p. 91), cita que “[...] homens está na cidade como uma coisa está em outra coisa e a cidade está no homem que está em outra cidade”. Esse trecho retirado de *Poema sujo*, assim como na obra *Os Canhões do Silêncio*, reforça a ideia de cidade como um local de pertencimento social, que marca o sujeito e permanece em seu ser, regendo a vida cotidiana dele. Araujo e Santos destacam que

A cidade é rebobinada como uma linha, sendo, de forma metonímica, representada pelo Bairro do Desterro. Sob o campo de visão sensível do eu lírico, o Bairro encrava-se no corpo poemático e se transforma em espaço de memória. A transmutação da matéria em memória poética é uma espécie de reserva, face à fragmentação e extinção dos elementos e espaços urbanos, resultante da ação do tempo objetivo. Desse modo, o sujeito poético constrói sua percepção sobre a cidade, movendo-se no tempo que comunica por meio de fissuras, cal e pedra. Assim a urbe antiga dialoga com a moderna, num processo de hibridização espaço-temporal. Antigo e moderno, o velho e o novo convivem numa relação de interdependência e continuidade. Nesse movimento, o espaço urbano se reconstrói como símbolo do ontem e do hoje, produzindo sentidos e sensações em um processo dialético ininterrupto (Araujo; Santos, 2018, p. 113).

Escrever sobre as mudanças de uma cidade é preservar testemunhas de essências urbanas passadas, como se a cidade se cria uma personalidade a cada geração, mas sem perder a sua base. É trazer informações que dão oportunidades

para os moradores conhecerem suas origens e refletirem sobre o que um dia foi o lugar que eles habitam.

A memória pode ser considerada como uma escrita interna, na qual o indivíduo deixa suas impressões ao mesmo tempo que também absorve as representações do meio através dos sentidos. Destarte, imagens e sons formam um elaborado arranjo, possibilitando que os lugares permaneçam na memória podendo ser acessados conforme a vontade do indivíduo (Smolka, 2000). Tal fenômeno ocorre desde o surgimento das cidades, e é o resultado da necessidade do homem de fazer e ser parte do meio ao qual está inserido, principalmente, para a composição da estrutura social.

Além disso, é uma capacidade do ser humano e demais seres vivos estabelecer uma relação com uma região ou determinado lugar e abstrair a paisagem, através disso, os seres vivos podem determinar se o ambiente será considerado apto e suscetível (Collot, 2013).

Nota-se que, na obra, o autor faz uso de locais considerados como patrimônio arquitetônico e cultural da cidade [edifícios históricos, monumentos, ruas, e outros elementos], para aguçar a memória e as lembranças do eu lírico, em que os espaços fazem a representação de memórias que formam a base para narrar a história de São Luís e servem como pontos de referência da cidade, constituindo um papel ativo na formação da memória cultural e histórica do local (Nascimento, 2014).

Dessa forma, em *Os Canhões do Silêncio*, o autor consegue capturar as paisagens existentes em São Luís. Dentre os cenários marcados, ele estabelece uma ligação genuína e autêntica, cuja forma e apresentação conseguem ser retratados através da poesia. Tendo em vista que “no texto poético tende a explorar especialmente o tempo da própria linguagem, o tempo sensível, musical das palavras, dos efeitos estéticos” (Rocha, 2011).

Assim, ao poetizar seus sentimentos e os registros memoráveis da sua passagem e da observância em São Luís, José Chagas não apresenta apenas uma narrativa cotidiana, mas entrega o fulgor, a magia, a historicidade e a vida que preenchem cada rua, beco, igreja ou casarão do que um dia foi e ainda é a “Atenas brasileira”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho se propôs a estudar a obra *Os Canhões do Silêncio* de autoria de José Chagas, que contempla a cidade de São Luís, local este em que o autor fez morada, tornando-a seu lar e inspiração para seus escritos. Na obra em questão, o autor convida o leitor a visitar lugares antigos, experienciados a partir das observações e impressões do eu lírico, carregados de sentimentalismo, eloquência e reflexão.

Para tal, foi realizada a leitura do livro (obra principal) e complementares que se embasaram em estudiosos como Silvana Maria Pantoja dos Santos, quem possui vasto conhecimento sobre obras de expressão Maranhense, especialmente as de José Chagas, e ainda, teóricos como: Izquierdo (2018); Halbwachs (1950); Pesavento (2005), dentre outros.

A obra *Os Canhões do Silêncio* tem a sua essência na conexão entre o homem e a memória, algo que se reflete na escrita do autor e desperta aos leitores uma imersão de recordações e sentimentos variados, ao mesmo tempo em que narra as belezas de São Luís e as realidades que se contrapõem à vida na cidade junto à vida cotidiana.

Destarte, a cidade de São Luís tem ligação direta com as Artes e a Literatura, tendo sido inspiração para a criação de diversas obras que têm diferentes finalidades, porém, dentre elas, a busca pela conservação das memórias da cidade se destaca.

Por esse ponto de vista, há muitos relatos sobre os tempos que outrora representaram o apogeu da cidade, e com tantos significados e adjetivos que a acompanham, não há como ter contradições quanto aos seus atrativos e valor cultural.

Diante disso, a crítica realizada pelo autor é fundamentada nas dores e dificuldades que a urbanização desenfreada e capitalista proporciona à cidade e aos moradores, em que há destruição de patrimônios culturais e da natureza do local. José Chagas direciona sua mensagem não somente aos políticos e administradores públicos, como também convida os moradores a se responsabilizarem e a zelarem pela cidade que é o seu lar, uma vez que cada pessoa é capaz de fazer uma diferença positiva. O autor já não vive, mas, sua obra continua imortalizando a

importância de São Luís e provocando os leitores a buscar compreender e alterar a realidade do local.

A obra ressignifica o passado da cidade de São Luís, sendo relevante diante do processo desenfreado de urbanização e interesse capitalista, o que proporciona aos moradores um distanciamento da memória da cidade.

No contexto atual, os elementos representativos da memória do lugar têm passado por um processo de destruição e deterioração devido à ação do tempo e, até mesmo, por certo esquecimento da representação do local por parte da população, o que compromete o patrimônio cultural da cidade de São Luís.

Mesmo com os esforços para preservação do centro histórico, a área enfrenta muitos desafios. Entretanto, considerada como parte da história e arquitetura local, há uma necessidade de proteção e ações direcionadas à revitalização, não apenas com foco turístico, mas, na tentativa de aproximação do local com o povo.

Por isso, “*Os Canhões do Silêncio*” é uma obra complexa e que se utiliza de forma poética para enaltecer a beleza da cidade, utilizando, para tanto, uma abordagem social. Afinal, a arte de poetizar ultrapassa barreiras inimagináveis no campo do saber, estabelecendo uma nova percepção e discussão sobre determinados temas. Na obra em questão, tem-se o papel da memória, a preservação do local e o papel do eu lírico, como ser atuante e pertencente ao lugar, em que suas palavras são usadas de instrumentos de mudanças e declarações ao espaço na qual estabeleceu uma conexão e o tornou seu lar.

A escrita do autor José Chagas é marcante e envolve o leitor em um enredo que aborda as belezas da cidade e seus encantos, ao mesmo tempo em que menciona problemas sociais e busca estimular a cidadania, provocando inquietação a respeito do futuro do lugar. *Os Canhões do Silêncio* explana toda a mistura de sentimentos que o eu lírico vivencia, ao falar do seu bairro e observar a passagem do tempo, através do mirante, permitindo que os leitores possam desvendar e experimentar sensações semelhantes que acompanham o sujeito poético.

Além disso, a cidade representa não apenas a morada física para o corpo do eu lírico, mas também, o local que abriga suas emoções, um registro de memórias profundas, que podem emergir à superfície a qualquer momento ao se deparar com as paisagens de São Luís.

Vale ressaltar que a obra de José Chagas não conecta o leitor apenas com a cidade de São Luís, pois sendo algo tão subjetivo transcende entre tempo e espaço

e evoca lembranças para os lugares que mais marcaram os sujeitos, tal como para o autor em que São Luís representa o seu lugar de acalento e pertencimento.

Também se tem a simbologia do mirante local que permite ao eu lírico acesso às memórias, mais precisamente, uma viagem aos tempos remotos com uma experiência completa entre sentidos e significados.

Desse modo, pode ser considerado um dos elementos chaves na obra, um espaço direcionado aos vislumbres da memória, em que o tempo flui de forma diferente, sendo um acervo das recordações e lembranças um testemunho das experiências, do pertencimento e mudanças do homem em um determinado lugar.

A obra *Os Canhões do Silêncio* é um tesouro não apenas para cidade de São Luís, como também para todo o Maranhão, é mais uma das riquezas literárias produzida por um ilustre poeta que dedicou sua vida à arte da escrita e, por meio de seus textos, proporcionou uma visão sobre os diferentes elementos e aspectos da cidade, sobretudo, da relação do homem com ela.

Em suma, José Chagas será eternamente lembrado por aqueles que amam e estudam a história de São Luís, em que o livro *Os Canhões do Silêncio*, bem como tantas outras obras escritas pelo autor immortalizam a história da cidade. Mesmo depois de anos, suas palavras ainda impactam a atualidade da urbe, auxiliando para que melhorias sejam realizadas.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras — Geografia I série**, v. 14, p. 77-97, 1988.

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS. **José Francisco das Chagas**. 2023. Disponível em: https://www.academiamaranhense.org.br/inf_aml/jose-francisco-das-chagas/. Acesso em: 11 dez. 2023.

ANDRADE, E.; GARROCINI, C. A PAISAGEM COMO CENÁRIO: Mirante, memória e intervenção. **Revista Farol**, v. 9, n. 9, p. 49-56, 2015.

ALVES, G. L.; COSTA, J. R. N. MEIO AMBIENTE NA POÉTICA DE JOSÉ CHAGAS. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 8, n.16, 2018.

ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1999.

ARAÚJO, E. J. P.; SANTOS, S. M. P. Mirante da cidade e o tempo que reluz: lembranças na obra *Os canhões do silêncio*, de José Chagas, **SCRIPTA**, v. 22, n. 46, p. 103-113, 2018.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BARROS, C. H. F. de. Ensino de história, memória e história local. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – UNESC**, v. 2 n. 2, 2013.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo, 1999.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, A. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos* / Ed. Brasiliense, 1989.

CASCELLA, M.; AL KHALILI, Y. Short-Term Memory Impairment. In StatPearls. **StatPearls Publishing**, 2023.

CELESTINO, R.; NASCIMENTO, J. V.; CARREIRA, R. A. R. Literatura e mangue: análise do discurso constituinte literário em *Maré Memória*, de José Chagas. **Cadernos do IL**, n. 51, p. 134-148, 2016.

CHAGAS, J. **Os canhões do silêncio**. 3 ed. São Paulo: Editora Siciliano, 2002.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.

COLLOT, M. **Poética e filosofia da paisagem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

COSTA, B. O.; DIAS, S. M. C. Arquitetura: a apropriação através da memória afetiva: Casa de Campo da família Costa. **Uniacademia**, v. 5, n. 2, 2022.

DAMÁSIO, A. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, v. 6, 2009.

DOBAL, H. **A cidade substituída**. In: **Poesia reunida**. 2. Ed. Teresina: Oficina da Palavra, 2005.

FERREIRA, A. J. A. Memória e sentido a partir da cidade de São Luís do Maranhão. **InterEspaço**, v. 2, n. 7, p. 26-44, 2016.

GOMES, P. C. C. Rio de Janeiro, a Cidade dos Múltiplos Mirantes. **Espaço Aberto, PPGG - UFRJ**, v. 5, n.2, p. 9-26, 2015.

GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 1996.

GONG, T.; SHUAI, L. Modeling Coevolution between Language and Memory Capacity during Language Origin. **PloS one**, v. 10, n. 11, 2015.

GULLAR, F. **Poema sujo**. In: Toda poesia. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

HALBWACHS, M. **Memória coletiva**. São Paulo: Civilização brasileira, 1950.

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Centro Histórico de São Luís (MA)**. Disponível: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/34>. Acesso em 01 de nov 2023.

IZQUIERDO, I. **Memória**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2018.

JAYO, M. Memória da cidade, de buzzword a conceito em mutação. **Paranoá**, [S. l.], v. 1, n. 33, p. 1-16, 2022.

JUNG, C. G. **O livro vermelho (Liber Novos)**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LE GOFF, Jacques. Enciclopédia Einaudi. **Memória-História**. Lisboa, 1997.

MARANHÃO SOBRINHO. **Papéis velhos ... roídos pela traça do simbolo**. Maranhão: Typ. do Frias. 1999. 194p.

MIRANDA, E. **Ensaio sobre José Chagas e Nauro Machado**. FAPEMA: São Luís, 2015.

MOURÃO JÚNIOR, C. A.; FARIA, N. C. Memória. **Psicologia: Reflexão E Crítica**, v. 28, n. 4, p. 780–788, 2015.

NASCIMENTO, C. M. S. **Uma cartografia poética de São Luís na obra de José Chagas**. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2014.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1997.

OLIVEIRA, L. L. **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 296p.

PAZ, O. **O arco e a lira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEREYR, R. **A unidade primordial da lírica moderna**. Feira de Santana: UEFS, 2000. 104p.

PEREIRA, M. M.; ABIB, M. L. V. S. Memória, cognição e afetividade: um estudo acerca de processos de retomada em aulas de Física do Ensino Médio. **Ciênc. Educ.**, v. 22, n. 4, p. 855-873, 2016.

PETRUS, J. K. B.; PEREIRA JUNIOR, M.V. Cidade em troços: Um descaso dos espaços empobrecidos? Um olhar sobre a cidade de São Luís/Ma/Brasil. *Revista Espacius*, v. 38, n.43, 2017.

PESAVENTO, S. J. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SANTOS, S. M. P. dos. **Paisagem desbotada nos (des) caminhos da vida: uma leitura de paisagem com mulher e mar ao fundo, de teolinda gersão.** Revista do NEPA/UFF, v.12, n.25, p. 113-123, jul.-dez. 2020.

_____ **Literatura e memória entre os labirintos da cidade: representações na poética de Ferreira Gullar e H. Dobal.** São Luís: Editora da UEMA, 2015.

SANTOS, S. M. P. dos. O vazio da cidade e os afetos dos lugares em Poema sujo de Ferreira Gullar, **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**, v. 10, n. 2, p. 903-913, 2017.

SANTOS, K. R. da C.; SANTOS, S. M. P. dos. A cidade revisitada em república dos becos, de Luís Augusto Cassas. **Educação, Linguística, Letras e Artes**. 2022.

SMOLKA, A.L.B. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural.** Educ. Soc., v.21, n.71, p.166-93, 2000.

VIEIRA, B. M. De memória e poesia: anotações para um estudo historiográfico. *in:* Anais do XXVI, **Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, 2011.

ZENKNER, T. T. S. São Luís no Século XIX: **uma capital em construção. História e paisagem: ensaios urbanísticos do Recife e de São Luís.** Recife: Bagaço, 2005.

ZILBERMAN, R. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de Hoje**, v. 41, n. 3, p. 117-132, 2006.

ZUANON, R. et al. **Memória, emoções e sentimentos: impactos na percepção espacial e afetiva da área urbana central de Campinas.** DATJournal, v. 5, n. 1, 2020.